

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS,

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Chegam aos nossos ouvidos attonitos, pavorosos echos do longinquo Estado de Matto Grosso, conflagrado pela politicagem, cujos desmandos, cujo despotismo barbaro estão justificando o extremo recurso ás armas.

Acuado na sua usina, defendendo a sua propriedade e a cadeira onde exerce o supremo poder sobre aquelles botocudos, excluidos da civilisação pela degeneração dos costumes e pela distancia, o presidente do Estado appellou para o art. 6 da Constituição, impetrando do presidente da Republica os meios indispensaveis para a manutenção da ordem, seriamente ameaçada pelos revolucionarios sob a direcção do bravo coronel Ponce, transformado em caudilho *pro* ou *contra* o governo local, conforme os interesses feridos. O velho matuto conhece, por dolorosa experiencia propria, os terriveis effeitos das deposições, e aprendeu, á custa de decepções amargas, como se organizavam as Legiões Campos Salles, victoriosas quando o Governo Federal lhes esquentava as costas.

Agóra o caso mudou inteiramente de aspecto: a legião Ponce irá cantando hymnos de ephemera victoria, emquanto estiver bloqueando portos indefezos com a flotilha de lanchas, cheias de patriotas armados, *à la diable*, com carabinas de todos os systems e canhões angariados na revolução anterior. Em poucos dias, porém, chegarão áquellas agnas revoltas do Paraguay as forças federaes commandadas pelo bravo general Dantas Barreto; chegará, não parte da flotilha velha, escangalhada, que finge guardar aquella fronteira, mas uma divisão poderosa, com torpedeiras, o *Tiradentes*, impondo aos revoltosos o respeito á Constituição e obediencia a essa coisa pomposa e ridicula: o poder legalmente constituido.

As legiões do caudilho Ponce teem poucas probabilidades do triumpho; serão dispersadas, resistam embóra com o heroismo do desespero, e procurarão refugio no seio amigo das paragens inhospitas contra a vindicta do regulo sobreexcitado pela victoria, até que uma caridosa amnistia os restitúa ao gozo dos direitos civis e politicos.

E como não ha desgraça que não tenha alguma utilidade, essa derradeira revolta de Matto Grosso veio demonstrar que aquella immensa fronteira está completamente exposta á primeira investida de um aventureiro, que, tanto póde ser um caudilho revolucionario brasileiro, quanto um caudilho estrangeiro, testa de ferro de sorradeira aggressão de algum dos nossos amaveis visinhos, cuja sensibilidade muito melindrosa se arrepia pelo mais futil dos pretextos internacionaes.

Ha poucos dias, o telegrapho nos transmittiu com certo azedume a pessima impressão causada no Paraguay pela insolita solemnisação da batalha de Tuyuty, solemnisação que se reduziu a uma formidavel ostentação do exercito da Guarda Nacional, absolutamente inocua e puramente ornamental. Imagine-se o que aconteceria si, em vez dessa simples parada, nos desse na telha cobrar, ao menos, o juro do que elles nos devem?... Arrumar-nos-iam os seus canhões, carregados como o bacamarte *Padre Eterno* de um celebre bandido cearense, entupido, até á bocca, com os doze apóstolos, as onze mil virgens, tres padres da Companhia e mais algumas congregações!..

A revolução demonstrou como alguns calhambeques pódem fechar o accesso a Cuyabá e reduzir a população, inclusive a impotente guarnição federal, a pão e laranja, aos horrores da fome. Demonstrou mais que um Estado riquissimo de recursos naturaes, esparsos no seu vasto, no seu

ubertoso territorio, póde ser empregado pela miseria, porque não produz, como a grande maioria dos Estados brasileiros, generos alimenticios, ou dependem do estrangeiro no que concerne aos essenciaes elementos de nutrição. Demonstrou mais que aquelle Estado não dispõe mais dos meios de defeza postos a brilhante prova na heroica resistencia á invasão paraguaya pelos immortaes heróes do forte de Coimbra. E' que nós ha trinta annos dormimos desapercebidos á sombra desses velhos loureiros.

A requisição do trefego Totó Paes de Barros encontrou benigno acolhimento no seio do Governo Federal, que obedeceu á dura letra de art. 6º da Constituição, e firmou a doutrina de que as revoluções são sempre movimentos criminosos, quaesquer que sejam os motivos que as legitimem.

Ninguem tem razão contra o despotismo dos governos estadoaes, sejam embóra notorias as suas violencias aos direitos e ás pessoas dos cidadãos submettidos á sua ferrenha, á sua brutal tyrannia. O povo, privado de todas as garantias legaes porque o direito e a força estão no poder dos régulos, nas unhas das olygarchias, vorazes como a do Ceará, não póde recorrer á magistratura, que é instrumento delles e tem de se resignar, de soffrer em silencio, para não perturbar a sacratissima ordem publica, que é a anarchia produzida pela caprichosa vontade dos dominadores.

Quando os clamores dos opprimidos atormentam a serenidade olympica do Cattete, o presidente da Republica observa com desconsoladora unção que lhe é impossivel intervir e aconselha com paternal ironia o recurso aos meios legaes ou que se submettam, pacificamente, como carneiros, como bons cidadãos, ao que é irremediavel. Quando, porém, desilludidas, callejadas de decepções, as victimas se insurgem e põem em apertos os dictadores que são

a vergonha da Republica, manda a Constituição, ordenam as preoccupações sentimentaes pela manutenção da ordem se lhes forneçam os auxilios de forças que elles requisitarem.

Parece que, recaído sobre o chefe do Poder Executivo a responsabilidade de todas as consequencias de seu auxilio armado aos governadores, a obediencia ao art. 6º da Constituição deveria emanar do julgaumento das condições precarias que determinassem o pedido de força, a legitimidade, a justiça da requisição, a menos que se não colloque o presidente da Republica na penosa situação de subordinado passivo, amarrado ao texto constitucional. Si quem tem liberdade para dar, deve tel-a para recuzar, é concludente que a requisição de intervenção da força federal deve ser submettida a exame para se lhe julgar a necessidade, a oportunidade e a procedencia.

E, uma vez que a requisição teve acolhimento, foi satisfeita presurosamente, como si houvesse sangria desatada naquelle membro da União, é de crer que, bem ponderadas as circumstancias, bem examinados os motivos, se decidiu que a razão estava com o Totó Paes, que o senador Azevedo — sem pedir licença ao outro, o sóba Accioly — não cessa de qualificar, e com insistente irreverencia, de sátrapa, de régulo e outros nomes feios.

* *

Console-se o nosso querido amigo e illustre senador com essas vicissitudes da politica: um dia, estaremos com o cabo; outro dia, com as pontas do rêlho.

Em todo caso, venha de lá esse sanguêsinho para a consagração suprema do *bloco*, bem necessitado dessa agua lustral das grandes idéas.

POJUCAN.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

* *

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR, A REMO E Á SIRGA

Algum tempo depois da nossa chegada, nos principios do mez de agosto, estavamos reunidos, com excepção do chefe e do Joaquim Pimentel, no rancho onde se aboletavam o Guilherme Lassance e o Dantas.

Já havíamos terminado o jantar, composto de conservas de carne e de peixe, que era só o que se podia ter regularmente em tão altas paragens, numa região balda de recursos e banhada por um rio conhecido pela sua pobreza proverbial. Aquella alimentação que, nos primeiros tempos, nos cauzava certo prazer pela novidade, no fim de alguns mezes tornou-se intoleravel ao paladar e produziu-nos desordens no aparelho digestivo, que augmentaram de intensidade até o fim dos quatro longos annos que por lá andámos. Depois do jantar, veio o café e, com elle, a conversa.

Era a hora triste do cair da tarde, quando o sol, despedindo-se, desperta a saudade e amargura o espirito na melancolia da solidão. Palestravamos sobre a demora dos trabalhos. Os venezuelanos não chegavam e ficaríamos no deserto esperando por elles, que *não tinham pressa de certo*. De critica em critica, de queixa em queixa, chegou-se á lancha *Araujo*, amarrada no remanso do sitio do Palheta, em Camanáu. Transparecia levemente na conversa a ponta acerada e picante dum remo. A compra foi censurada por um dos companheiros mais *despachados*. Outro secundou-o, dizendo:

— Bem andámos em não concordar com essa despeza inutil.

O sangue ia-me subindo ás faces. Parecia que aquellas palavras eram dirigidas a mim.

— E' verdade — accrescentou um terceiro — comprou-se uma lancha ordinaria, que pouco ou nenhum serviço prestou á commissão, e lá está inutil, de fogos apagados, e pagando-se ainda por cima a machinistas, foguistas e cozinheiros.

Cada censura daquellas era um espinho, que me pungia o amor proprio. Eu era, na roda, o unico que havia sido de opinião favoravel á compra. Longe de defendel-a, conservei-me mudo, ouvindo, sem replicar, a condemnação de um acto que aconselhei, convencido da sua utilidade.

Já era noite quando me despedi dos bons amigos. Havia tomado a minha resolução e fui dalli á casa do Araujo. Sem rodeios, disse-lhe peremptoriamente:

— Amanhã cedo, desço para Camanáu, afim de trazer a lancha. Peço-

lle, como immenso favor, que me não negue o seu consentimento.

Vi-lhe o olhar, meio apagado, um lampejo de alegria. Era, porém, uma alma bôa e singela, como poucas tenho conhecido, e, sobretudo, generosa. Reflectiu um momento e disse, sério:

— Não... não posso acceitar este sacrificio. Você não irá.

Dei uma risada e retorqui:

— Deixe-me ir. Dentro de poucos dias, estarei de volta. Prepare os foguetes. A lancha entrará no porto apitando e embandeirada em arco. Verá.

Reviveu com a esperanza o desejo de vel-a acima das cachoeiras, e deixou-se convencer. Fui para a minha casa, onde morava tambem o meu bom e mallogrado amigo Joaquim Pimentel, que morreu, victima da sua dedicação pelo serviço publico, nas cabeceiras do rio Memáchi, onde, ainda nos seus ultimos dias, ia carregado para o serviço.

— Sabes que vou buscar a lancha?

— Estás gracejando.

— Não. Desço amanhã e o Araujo concordou.

— Não irás. E' uma imprudencia e elle não deve consentir.

— A minha resolução é inabalavel. Si não fôr buscal-a, deixarei a commissão.

— E' questão de capricho, então?

— Sim, é.

E contei-lhe o que havia passado. Chamei o meu camarada e dei-lhe as ordens para a madrugada. Aos outros companheiros fui annunciar a partida. O Dantas, que não se aforrava com ninguem, bateu-me no hombro, dizendo:

— Você pensa que é ainda alferes do Dezeseis?

Achei graça no meu caro compadre. O illustre Lassance, como homem prudente e engenheiro provector, deu-me alguns conselhos, como fôssem: mandar tirar a tolda pezadíssima e revestir de taboas a prôa da lancha para defender dos choques o casco de ferro. Eu faria aquillo que me indicassem as circumstancias do momento. Abraçei-os e despedi-me. Dahi a pouco, dormia no meu rancho.

Já os gallos do povoado e dos sitios proximos amiudavam o canto, quando me levantei prompto para partir. A minha canôa *Dinorah* já estava com a tripulação a postos. A madrugada era bastante fresca. Não despontavam ainda as barras do dia, e Jupiter campeava soberbo, quasi no zenith, com a sua bella luz fixa, num céu purissimo e esplendidamente illuminado por grande multidão de estrellas brilhantes, dentre as quaes mais scintillavam as das bellissimas constellações do Orion, do Grande Cão, do Touro e do Navio. O rio reflectia no espelho polido das

suas aguas negras, como si fôsse um horisonte artificial, as imagens daquellas myriades de pontos scintilantes, que se alongavam quando a brisa lhe franzia a face de leve. Levando comnosco as nossas esperanças, vogámos tranquilllos por elle abaixo.

O horisonte, do lado do nascente, se foi tingindo suavemente de violeta, e os astros mais baixos pouco a pouco se apugavam. O céu parecia ir-se illuminando com outra luz. Houve um momento em que Syrius, solitario, bruxoleava ainda, despedindo frouxamente seus raios esverdinhados. Lançou o ultimo lampejo e sumiu-se nos turbilhões de luz, que vinham como bateadores do sol glorioso que subia. Nuvens, tenuissimas, delgados estratos muito alongados, listrando o céu, coloriam-se successivamente de alaranjado e de amarello; e quando o grande disco rutilante surgiu meio achatado sobre o cimo recortado da floresta fronteira, reflectiram imagens sanguineas matizadas de ouro.

Aquella opulenta natureza, ainda havia pouco tão tetrica na sua solemne semi-nudez, parecia toda alvorotada. E' que renascia aos beijos de fogo daquelle sol, que é a origem da vida e do movimento. Os calices rubros das passifloras que pendiam sobre as aguas, abriam-se abraçando a corôa de espinhos da corolla arroxeadada que gnarda as cinco chagas do verticillo dos estames e os tres cravos symbolicos da cruz, nos pistillos alvos e salientes.

Um bando arisco de garças candidissimas passava por cima de nós em linhas ondulantes, bem altas, velejando serenas para a margem esquerda, a pouzarem em alguma lagôa piscosa, que ficou dos *igapós* das enchentes. Os martin-pescadores, de peito branco e costas esverdinhadas, voavam rapidos, de bico estendido, gritando e batendo as azas, para esperarem mais adeante os peixes nas correntezas. Alguns biguás, negros e magros, assustaram-se com o bater dos remos e voaram arrastando-se á tona d'agua até sumirem-se numa volta. Os botos negros; os tucuxys lizos e anafados, vinham á tona, dando cambalhotas todas as vezes que o *igatiyua* (proeiro) batia n'agua com a pá do remo, dando um assobio. As lontras, *jauracácas*, levantavam-se curiosas, avançando sobre a canôa e respondendo com esganiçadura especial e repetida aos gritos imitativos dados pelos indios, batendo na garganta com as pontas dos dedos.

Todos soffriamos o influxo benefico daquella manhã fresca, que dava mais vigor aos musculos enrijados dos remeiros. A *Dinorah* corria velóz pelo canal profundo, de cuja superficie liza começavam a levantar-se

flocos de vapores alvadios que pareciam nuvens de incenso que subiam ao creador de tantas bellezas daquella natureza selvagem e opulenta.

O sol elevava-se adustivo, mas todos nós estavamos habituados aos seus raios de fogo, que já nos haviam crestado. Sentado á porta da tolda baixa via, o suór correr pelas costas lusidias e musculosas dos meus homens que, sentados nos bancos, com as pernas encolhidas, sem camisa nem chapéo, remavam sem parar, mas á vóga descansada, compassada, larga, e variando o rythmo. De vez em quando, um derramava na cuia, com que se exgotava a canôa, um punhado de farinha, enchia-a d'agua até á borda, soprava de leve algumas fibras lenhosas que sobrenadavam e bebia o *chibé*, duma assentada, mexendo-o de continuo com o pollegar.

O rio estava cheio e a *igara* descia á desfilada, sósinha naquella solidão.

Passámos por São Marcellino, pequeno e pobre povoado na bocca do Xié. Pela volta do meio dia, encostámos ao sitio de um velho indio baré, onde parámos algum tempo para sés-tear.

Era bastante ladino, já havia descido muitas vezes a Manáos e desempenhava o *alto* cargo de inspector de quarteirão, que, longe de render-lhe alguma coisa, só lhe dava fadigas, dissabores e até despezas, porque tinha de fazer viagens longas, afim de ir avizar aos indios sob a sua jurisdição para se apresentarem, em dia marcado, ao subdelegado, quasi sempre negociante, que precisava delles para a safra da seringa ou dos piassabaes. Andava muito a par do calendario. Sabia em que dia do mez estava e si era util ou santificado. Para isso, tinha a sua folhinha, que era uma taboa bem aplainada numa face, onde estavam traçadas doze linhas paralelas representando os doze mezes. A primeira, a de cima, tinha trinta e um buracos—era janeiro. A segunda, fevereiro, tinha vinte e nove; e elle sabia quando o anno era bissexto ou solar. E assim até dezembro.

O dia em que cheguei era 7 de agosto; e no setimo buraco da oitava linha, havia um pequeno ponteiro feito de palhinha, indicando a data. O tuyué (velho) mudava-o invariavelmente, cada dia, logo que despertava. Quando viajava, levava-a consigo e nunca falhava na mudança do ponteiro. Os dias santos tinham uma cruz.

Falava regularmente portuguez e nheengatú; mas entendia-se com os seus em baré, sua lingua suave e harmoniosa.

Naquella região do Rio Negro, desde muito abaixo de Camanáu até ás proximidades de Marôa, em Venezuela,

é o baré a lingua dominante; mas todos, quasi sem excepção, falam a geral.

Em Marôa, o baniua e o hespanhol são as faladas.

Tinha uma filha moça, que andava de chinella aos pés, signal de civilização naquellas alturas; vestia saia e bajú e prendia os cabellos com um pente. Havia estado em Manáos aprendendo a cozer com *sinhá mestra* e só falava com os *cariuas* em portuguez, para dar-se ares de cidadã. Fazia o mesmo que as correntinas e missioneiras, que teem vergonha de falar guarany com os forasteiros.

Eu tinha pressa de chegar; por isso, demorei apenas uma hora.

DIONYSIO CERQUEIRA.

O anarchismo e a defeza social

A proposito do caso de Madrid

O ultimo attentado anarchista não se revelou differente dos outros nos seus ensinamentos, nem nas suas consequencias. Levantaram-se, desde logo, os clamores retumbantes da furia popular; renderam-se as homenagens do estylo. Aprestam-se, agóra, os governos dos paizes mais ameaçados para obter dos seus legisladores novas leis de excepção, reconhecendo que as de 1892 a 1894 são, no final das contas, o que dellas disseram notaveis criminalistas e sociologos: tão barbaras quão imprestaveis. E agóra já se deseja muito mais do que aquella epocha: quer-se que a encomenda seja aviada depressa, *sem discussão*,—dizem os telegrammas...

Por outro lado, se observa que aquelle gesto brutal e inoportuno malquistou o idéal anarchista com as almas affectivas e delicadas; ao mesmo passo que, perturbando o gozo primitivo que sempre experimenta o povo deante das solemnidades pomposas, provocou a mais justificada das reacções.

Outrosim, para os socialistas de todos os matizes, bem como para grande numero de libertarios que condemnam a «propaganda pelo facto», o attentado de Madrid foi obra negativa; nada adeantou á Revolução Social; antes, serviu de argumento novo contra os methodos violentos. De facto, analysada do ponto de vista méramente sociologico, a brutalidade de ha dias veio demonstrar que

persistem, na alma popular, mesmo entre as classes mais victimadas pelo actual regimen social-economico, uns restos de veneração, de religioso respeito para com os encarnadores do principio da Auctoridade. Só tal «sobrevivencia» pôde explicar tantas manifestações ruidosas, que ainda estão sendo tributadas aos jovens monarchas hespanhóes.

E ninguem dirá que essa observação seja de molde a animar a obra revolucionaria, que precisa, principalmente, contar com a adhesão espontanea das massas.

Demais, o aproveitamento de factos dessa ordem faz parte do programma de todos os govêrnos, ainda os mais ciosos de seu radicalismo. A acção da policia não é julgada sufficiente nessas horas tragicas, cheias de grandissimas responsabilidades. Como se sente nas altas camadas sociaes, estão sendo abalados os alicerces da Sociedade.

E' por isso que a reacção não só se está organisando na Hespanha—theatro do ultimo acontecimento: Na Italia, de onde saíram, como todos se lembram, os mais famosos *vingadores anarchistas*, se reconhece que ha um perigo commum a evitar; já não se confia alli na dureza das leis anteriormente proclamadas como ultima expressão do rigorismo penal. Não tardará, tambem, telegramma de França, annunciando o descobrimento de novos methodos repressivos, capazes de suspender, por intimidação, o braço do mais feroz anarchista, e quiçá de lhe expellir do cerebro a idéa libertaria...

De maneira que, para dar combate ao Anarchismo, esses ardentes paizes latinos, esquecendo a velha e sempre aproveitavel licção de Montesquieu e Beccaria, só encontram armas nas odiosas restricções do direito penal commum! A imprensa diaria, sempre trefega e cortejadora dos instinctos da multidão, ataca gyrandolas a essas leis nascidas do pavor. Poucos, bem poucos, serão os homens de Sciencia que, como ha doze annos, terão coragem para, reagindo contra as inspirações do medo colectivo, condemnar essa manipulação de leis de arrocho. Talvez algum jornal de opposição, affrontando, com grande perigo, a corrente da opinião publica, ouze duvidar da efficacia desse

regimen terrorista, insinuando a possibilidade de abusos e arbitrariedades, commettidos á conta das leis especiaes. Os homens de governo nem ouvirão o que lhes disserem homens de gabinete, nem ligarão importancia aos jornalistas independentes. A esses é bem possivel que lhes succeda, por tamanha audacia, terem as typographias empasteladas, bem ás vistas da policia, pelo... *povo indignado*.

E não se pensé que, aqui, nos queremos glorificar com a fulgente aureola dos prophetas: quanto escrevemos resulta da experiencia, mestra da vida e da Sociologia. Assim foi em 1894; assim váe ser agóra.

Será bom caminho esse apontado pela indignação do momento e logo seguido pelos governos transidos de pavor? Em outros termos: a repressão do Anarchismo pôde ser feita, com vantagem, á custa de leis exceptionaes, que não só aggravem a penalidade como tornem summarissimo o processo, quasi banindo a defeza e assim proscrevendo o principio da presumpção de innocencia?

* *

Fallamos em Beccaria e Montesquieu: justo é que comecemos pedindo a elles a devida resposta á pergunta que será nossa these neste humilde estudinho.

Que nos perdõem, hoje, o accumulo de citações; si nos soccorremos deste recurso enfadonho, um tanto fóra dos moldes de uma revista como os *Annaes*, é por nos julgarmos sem auctoridade para opinar individualmente em tão momentoso assumpto.

Dito isto — á guisa de desculpa — abramos o nosso volumesito da preciosa obrinha de Beccaria, que todos os juristas conhecem. Essa edição tem o valor que lhe emprestam as notas e commentarios de Faustin Hélie. Ensinava o criminalista italiano, verdadeiro reformador das theorias da sua epocha e precursor incontestado da chamada «escola classica»: «Os paizes em que os supplicios mais horriveis fóram postos em uzo, viram, tambem, os crimes mais nefandos, por isso que o mesmo espirito de ferocidade que dictava ao legislador leis de sangue punha o punhal nas mãos do assassino.» No mesmo lance do seu trabalho, tão cheio de humani-

dade, Beccaria, argumentando, indagava: «Como um corpo politico que, longe de entregar-se ás paixões, deve estar sempre occupado em lhes pôr freios, pôde exercer crueldades e empregar o instrumento do furor, do fanatismo e da baixeza dos tyrannos?» (Adeante veremos como este argumento se applica á Hespanha).

Faustin Hélie, commentando os dois trechos, observa que o capitulo em que elles se encontram foi um dos que maior influencia exerceram na Europa, contribuindo não pouco para a gloria do autor dos *DELICTOS E PENAS*. E cumpre não esquecer que Hélie era severo e sisudo applicador de leis, magistrado imperterrito e eminentemente conservador...

Antes do marquez Beccaria, já o grande Montesquieu havia ponderado que: «bem examinadas as causas dos relaxamentos sociaes, se vê que elles resultam mais da impunidade dos crimes do que da moderação das penas».

Em outra passagem do seu *ESPIRITO DAS LEIS*, escrevera tambem que o espirito do povo tanto se impressiona com as penas crueis como com as penas mais brandas.

Quando rebentaram tremendas as manifestações da «propaganda pelo facto»; quando, reflectindo a emoção do momento, se decretaram as primeiras *leis de excepção* na França, na Italia e na Hespanha, os criminalistas modernos e certa pequena parte da imprensa se inspiraram em principios identicos aos que nos legou essa philosophia penal, já revolucionaria, do seculo 18º.

As leis francezas fóram apreciadas, em seu conjuncto e nos seus detalhes, pelo abalizado professor Garraud, da Universidade de Lyon, que, além de se referir a ellas no seu conhecido *DROIT PÉNAL FRANÇAIS*, escreveu a proposito a substanciosa monographia *L'ANARCHIE ET LA RÉPRESSION*.

Condemna o mestre, formalmente, a orientação daquellas *leis de tendencia*, que classifica entre os productos da desorientação penal moderna, afirmando que ellas são impotentes para evitar os attentados anarchistas e violadoras da liberdade individual no ponto em que pretendem reprimir a propaganda das idéas libertarias.

O velho magistrado Fabreguettes,

escrevendo ainda sob a impressão da morte de Sadi Carnot, também não enxergava a utilidade pratica daquella «legislação draconiana».

Na Italia, as *leis sceleradas* não mereceram outros conceitos por parte dos criminalistas. Todos se reuniram para combatel-as, em nome do Direito e da propria defeza social; nesse ponto, a escola anthropológica marchou ao lado da sociologica e esta acompanhou a escola classica, encontrando-se a mesma reprovação e as mesmas criticas em trabalhos de Lombroso e de Ferri, de Colajanni e de Pessina. A opposição partida das Universidades e das revistas scientificas orçou por uma verdadeira revolta da boa doutrina contra a tyrannia governamental.

As leis fôram, todavia, postas em execução. Os administradores publicos da Italia nem quizeram ouvir palavras imparciaes como as de Ernesto Zenker, de Viena, quando sabiamente observava: «Emquanto na Italia um máu systema de governo coexistir com um systema economico carunchoso e com um augmento de população demasiado, aquelle paiz alojará com seu proletariado os paizes visinhos e vehiculará sempre o desespero social das partes enfermas para as partes sadias da população».

E tanta verdade encerravam estas sentenciosas palavras que toda gente teve occasião de notar como o operario italiano, desesperado pela miseria economica e pelas leis odiosas da sua terra, saíu mundo em fóra, vibrando o instrumento assassino, em nome da Anarchia!

Canovas del Castillo, Carnot e a inoffensiva imperatriz da Austria fôram victimas de italiauos...

Na Hespanha, as leis de excepção são formidaveis. Misturam, como as leis italianas, a responsabilidade intellectual, *ainda a mais indirecta*, e a responsabilidade material, vendo em qualquer *opinião* um conselho determinativo do delicto. Instituem tribunaes marciaes para delictos commettidos por meio de explosivos. Concedem plenos poderes ás auctoridades administrativas para suppressão de jornaes, dissolução de sociedades, deportação de individuos suspeitos.

Onde, porém, a Hespanha póde pedir meças a qualquer paiz da Europa,

é nos methodos de castigo e nos systemas processuaes applicados aos anarchistas ou socialistas, quando presos depois de algum attentado. O sombrio castello de Monjuic viu a restauração das praticas inquisitoriaes mais horrendas, sob pretexto de se descobrirem os auctores de um attentado. Os documentos daquellas atrocidades infernaes correm mundo e uunca fôram seriamente contestados. A imprensa parisiense e a londrina, em artigos sensacionaes, chamaram a attenção do mundo civilizado para o que allegavam, com robustas provas, dezenas de operarios victimas estropiadas dos modernos inquisidores de Hespanha!

Entretantó, a verdade era e é, alli, como em toda parte, o que escrevia o insuspeito *Correo*, de Madrid:

«Em materia de repressão, não se póde ir além da pena de morte, e o anarchista que lança sua bomba, começa por desprezar a vida.»

Por isso mesmo, o ex-chefe da *Sûreté* (de Paris) Goron, que tão de perto lidou com os anarchistas, acabou por se convencer da inefficacia da *repressão sem piedade*. As medidas de excepção — diz elle, no ultimo volume das suas MEMORIAS, nunca serviram para coisa alguma.

E como quem tal affirma foi leal servidor da policia — escola do arbitrio e da violencia — parece-nos que não ha melhor final para este artigo.

Depois, veremos, sempre com ajuda dos competentes, quaes são as causas mais directas e incontestaveis desses verdadeiros *crimes sociaes* que tanto alarmam o espirito publico, bem como pediremos á Sciencia Criminologica a solução mais pratica para o problema penal que elles envolvem.

EVARISTO DE MORAES.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Novos chronometros. — O balanço Guillaume. — Compensação das perturbações causadas pela differença de temperatura. — Primazia nos concursos.

A descoberta feita por Charles Guillaume de ligas muito elasticas de ferro e de nickel permittiu resolver vantajosamente o problema da compensação dos relgios de parede e de algibeira, solução agóra muito simples, obtida pelo auxilio de um pezo

redondo sobre uma porca atarraxada numa haste de *invar*, nome dado á liga de aço a 36 %, de fraca dilatação.

Esse mesmo processo torna facil o transporte porque se pódem metter a pendula e o pezo em caixilhos de madeira e remetter o relgio para armal-o em outro logar e fazel-o trabalhar. Além disso, resulta uma precisão extraordinaria da pouca dilatabilidade das peças que concorrem para a compensação, com esse melhoramento importante, remediando a variação da marcha, causada pelas differenças de temperatura, em virtude das quaes, o relgio mais perfeito varia de 12 segundos em 24 horas.

Por uma combinação especial de aço, nickel e latão, dá-se ao balanço a uma função compensadora practicamente, da mesma fórmula que a função perturbadora da espiral, cujas mudanças do modulo de elasticidade, concordando com as mudanças de temperatura, fazem atrazar ou adiantar o relgio.

Os novos chronometros, munidos do balanço Guillaume, se fabricam em Besançon, em Genebra, em Greenwich e em Washington, tendo a primazia em todos os concursos.

* *

O trabalho mental menos fatigante do que o manual. — Estudos do especilista dr. Duké, de Nova York.

A longevidade e o trabalho, longe de serem termos contradictorios, concordam perfeitamente, como acaba de demonstrar o dr. Duké, em Nova York.

Esse especialista preconiza a ininterrupta actividade do cerebro, dando-lhe sempre occupaões variadas ou mudando-as frequentemente.

Resulta de numerosas experiencias que o trabalho intellectual fatiga muito menos do que o trabalho manual. Assim a paresia — paralyisia incompleta traduzindo-se pela diminuição da contractibilidade muscular — é muito mais frequente nos trabalhadores da terra do que nos homens de estudo.

* *

As mortes apparentes. — Campanha da sra. Lind. — Processos para a verificação da morte. — As experiencias.

Uma senhora sueca, Lind-af-Hageby, estuda ha muitos annos o problema do reconhecimento definitivo da morte para evitar o enterramento de individuos ainda vivos, casos que, si não são frequentes, não são raros.

Ella apprehendeu com a baroneza Barnekow uma activa campanha contra os enterros prematuros. Nesse mesmo empenho, se fundou em Lon-

dres uma associação, em cuja séde, London Street, 12, se pôdem obter a respeito todas as informações.

A sra. Lind repugna a cremação e a decapitação, achando que é possível recorrer a outros meios para a verificação exacta da morte.

Para isso seria preciso, antes de tudo, conservar o corpo, durante alguns dias depois da morte, numa sala mortuaria, onde ficaria sob a constante inspecção dos *verificadores*. Ella recommenda mais o emprego dosapparelhos Karnicki, que assignalam immediatamente o menor movimento do corpo deposto no esquite, introduzindo neste immediatamente uma corrente de ar respiravel. Este apparelho está ao alcance de todas as bolsas: custa apenas 15 francos.

Experiencias feitas num cemiterio de Nova York demonstraram que, em 1.200 individuos inhumados, 6 deram, depois da morte, apparentes signaes de vida e puderam ser salvos graças a esse apparelho.

Outros methodos fôram preconizados. Em Gratz, na Austria, antes do enterro, fura-se o coração do cadaver. O processo do sr. Icard é menos selvagem: elle não mata definitivamente o morto duvidoso, mas verifica si houve parada da circulação, injectando sob a pelle um pouco de fluoresceína em solução. Si a circulação ainda existe, mesmo fraca, a amateria corante, percorrendo o corpo, dá á pelle uma intensa coloração amarella, tornando os olhos verdes. Si não ha mais circulação, a ausencia da coloração, depois de uma hora de espera, indica a morte completa.

Esse processo pôde ser empregado sem receio porque a fluoresceína é inoffensiva.

**

A novocaína, abreviatura de um nome immenso de um novo anesthesico. —

Novocaína foi o nome adoptado para um novo anesthesico de que muito se fala nos centros scientificos europeus.

Trata-se do chlorhydrato de paraminobenzoyl—dietyl—amino—ethanol, novo alcaloide de synihese descoberto por Einhorn, de acção tão poderosa quanto a cocaína, com a vantagem des er muito menos toxica e tambem menos irritante dos tecidos, circumstancia que lhe permite o emprego não sómente em todas as variedades de anesthesia local, como na anesthesia medular.

As suas soluções, facilmente esterilizaveis, se misturam bem com a adrenalina que lhe exalta as propriedades anesthesiantes, de sorte que se pôdem diminuir sensivelmente as doses injectadas e, por conseguinte, as probabilidades de intoxicação.

O professor Braun, de Leipzig, adoptou a novocaína em suas operações cirurgicas de toda a ordem, empregando soluções do 0,25 a 2% em um liquido isotanico, adiccionado de cinco a dez gottas por cem grammas da solução a 1/1000^e de adrenalina.

Na pratica dentaria, Sachse, na clinica de Leipzig, recommenda o emprego de soluções fortes a 1 ou 2% adiccionadas com 5 a 10 gottas de adrenalina.

Profissionais allemães de grande nota preconizam a novocaína como o anesthesico ideal empregado com o melhor exito em toda a sorte de operações, não se tendo ainda lamentado o menor incidente.

APANHADOS

Um drama russo Andreieff terminou um novo drama, que é o echo de todas as emoções que agitaram e continuam a agitar ainda a Russia. *A's estrellas* — este é o titulo da peça, que tem feito sensação; debate a questão das relações da plebe com os intellectuaes. Um sabio russo, professor de astronomia, foi obrigado a abandonar o seu paiz por causa das suas opiniões politicas; no emtanto, não era revolucionario, trabalhava unicamente para a sciencia. Seu filho mais velho, Nicoláo, e a noiva deste, Mariusia, um idealista e uma revolucionaria, tomam parte bem activa numa sedição, que rebentou na cidade em que o astrónomo installára o seu observatorio. Aparece a policia, o sangue corre e o poder acaba vencendo. Mariusia volta trazendo a bandeira da revolução, que ella occultára; Nicoláo, preso, não quer fugir, mas a masmorra o torna louco. O povo fica indifferente ao seu martyrio; Mariusia está quasi a perder a fé no progresso da humanidade, mas o sabio, o bom velho, diz-lhe que os que soffrem pelo ideal viverão eternamente; ella continuará a seguir o caminho *ás estrellas* — caminho máu, semeado de dôr e de soffrimentos e que é o apostolado pela liberdade.

**

Um novo romance de Theuriet André Theuriet continúa a publicar os seus romances originaes, onde palpitam, sempre, uma ironia fina e uma alegre excentricidade de humorista. *Mon oncle Flo*, o seu ultimo trabalho, é a historia interessante e accidentada dum tio que foi, com um sobrinho, viajar nos Pyreneos; o tio é uma dessas figuras de originaes que Theuriet accentúa com tanta habilidade. Esse bello tio, um pouco ridiculo, muito burguez, muito

acaciano, antigo droguista duma aldeia da Lorena, quiz ir aos Pyreneos, apezar dos seus habitos de economia lhe tornarem penosas as quantias gastas nos luxuosos hoteis para *touristes*. Mas — como elle diz mesmo numa das suas tiradas — todos nós saímos da nossa linha, um dia; esse homem serio, prudente, cheio de preconceitos, encontra, á meza do hotel, uma mulher bastante sympathica, a sra. Du Val-Clavin. Depois dumas peripecias engraçadas, caza-se com a senhora sympathica, que é, muito simplesmente, uma ex-cantora de café-concerto; a senhora Clavin-Flo fará, um bocadinho, a sua figura, com a fortuna que o bom tio guardava tão cuidadosamente.

O que ha de mais lindo no livro de Theuriet é o que cerca essas scenas curiosas — as phrases de espirito e as descrições extraordinarias das bellas paizagens dos Pyreneos; além disso, os typos estão apanhados com simplicidade e delicadeza e são duma verdade espantosa.

**

Conservatorio inglez O conservatorio de Guildhall, em Loudres, é o mais frequentado de toda a Europa; estão matriculados 3.500 alumnos, e, como o ensino não é gratuito, cada um paga a bella quantia de 800.000 francos por anno.

**

A riqueza mineral do cabelo Os cabellos são ricos em materia mineral. Um francez, amador dessas estatisticas exóticas, calculou, bazeando-se nas analyses do cabelo feitas pelos chimicos, que a quantidade de ferro contida nos fios de cabellos de todos os seus patricios se eleva a 2.385 kilos e a de manganez é de 4.748 kilos; os cabellos que cáem espontaneamente da cabeça das francezas, durante um anno, representam mais de 7.000 kilos de materia mineral. Os cabellos vermelhos, pretos, ruivos, teem differentes quantidades de mineral; os ruivos contêm 80% de silicio mais que os pretos e estes 89% de potassio mais que os brancos.

**

Um pelourinho para meninos Os inglezes teem o culto pelo passado; assim, numerosas cidades do Reino Unido guardam, como reliquias, os instrumentos de tortura que os juizes dos seculos passados reservavam ao castigo dos criminosos. Ainda se encontra, hoje, um pelourinho no jardim da igreja de São Leonardo, em Shoreditch; é uma ca-

sinhola tósca, especie de rancho matuto; entre os dois postes do alpendre, distingue-se um terceiro munido de quatro argollas de ferro. E' o que os inglezes chamam *the whipping post*, o pelourinho. Prendem os pulsos dos culpados nas argollas e as costas nuas recebem as vergastadas do executor. Ha, além disso, uma pezada prancha, cheia de buracos e que serve, egualmente, para aprisionar os criminosos, como se faz na China, com a canga. A chronica local conta que os meninos preguiçosos ou viciosos eram conduzidos todos os domingos, pela manhã, ao pelourinho de São Leonardo e recebiam ahi uma correcção que era aggravada por uma circumstancia nada agradável. Todo o povo da parochia assistia ao castigo.

* *

O mais moço soberano da Africa O rei Uganda não se tem que lastimar do dominio inglez; goza de sua independencia e está seguro do seu poder, coisa que seu pae nunca conheceu. Era uso no tempo do seu predecessor matar o rei quando estivesse gravemente enfermo: o pae do actual reininho nunca esteve acometido de molestias graves, serias, eram sempre coisas passageiras, porque, si a doença fôsse forte, elle tinha de morrer. Extranho privilegio do poder!

Sua magestade Daudi Choa é o ultimo descendente duma longa dynastia de reis que se oppuzeram, victoriosamente, durante mais dum seculo, aos progressos dos europeus, avidos de conquistar os vastos e ricos territorios do Uganda. Seu avô, o feroz Souna, combateu o explorador Stanley e assignou um tratado com a Inglaterra. O pae do joven rei, o terrivel Nwanga, rasgou o tratado, tomou de novo as armas, mas foi logo vencido e capturado, em 1899.

Tres annos depois, elle morria numa prisão da costa. Quanto a Daudi Choa, o seu verdadeiro titulo é este: sua alteza o *kabaka* de Uganda. E' ainda menor; a Inglaterra, por isto, impoz-lhe um conselho de regencia. A sua lista civil é de 30.000 francos. Trinta mil francos por anno! Magros ordenados para um soberano que se intitula — elle tambem, como todos os soberanos da Africa — rei dos reis!

A Inglaterra fez um bello negocio,

comprando, por uma somma tão pequena, um paiz de minas e duma fertilidade excepcional.

* *

Uma casa de crocodilos Ha nos Estados Unidos, na Florida, um importante estabelecimento que cria crocodilos como outros criam carneiros e gallinhas. E não se pense que se trata duma tentativa, destinada a desaparecer, depois de esforços inuteis do seu promotor. *A Florida Crocodile Farm* existe ha mais de dez annos e tem dado os melhores resultados. O dono dessa curiosa loja, que, com certeza, é a unica no mundo, é o *Old Joe*; assim elle é conhecido em toda a Florida. Depois de ter tentado, em vão, fortuna na cultura do ananaz e de outras plantas tropicaes, teve, uma bella manhã, uma idéa genial. Os crocodilos, outr'ora tão numerosos nos rios e lagos da Florida, estavam ameaçados de extincção total, devido ao massacre que faziam centenas de caçadores vindos de todas as partes dos Estados Unidos. Calculando, com razão, que a pelle dos reptis custaria mais caro á medida que a especie se tornasse mais rara, o velho Joe comprou uns terrenos pantanosos e foi reunindo alli todos os crocodilos que apanhava. Os primeiros se multiplicaram, depois, numa proporção maravilhosa e, agóra, é ao *Old Joe* que se dirigem todos os jardins zoologicos do mundo quando precisam dum crocodilo da Florida.

* *

A meza do cardeal Merry del Val O actual secretario de Estado do Vaticano, que descende dos grandes de Hespanha e foi educado num dos mais, sinão o mais, aristocraticos collegios inglezes, trata, com o applauso e o gozo dos mundanos, de fazer renascer os antigos esplendores da côrte papal.

A sua meza é um perfeito luxo: nella se servem iguarias de uma «munificencia real» e de um «luculiano refinamento». O «elegantissimo» cardeal capricha, sobretudo, nos vinhos, cuja excellencia se dispensa de adjectivar um dos seus convidados.

O requinte está, porém, numa lembrança que, á sobremeza, o cardeal offerece: são uns cigarros com o seu retrato, mettidos, cada um, dentro de

uns tubosinhos de crystal, que os conserva seccos e aromaticos.

Em compensação, o seu antecessor, o notabilissimo Rampolla, continúa a escrever, no seu retiro de Santa Martha, uma obra de folego sobre «*Santa Melania e seu tempo*». E' a descripção de Roma e da sua sociedade no seculo V.

* *

Quadros vivos no Japão Os membros das colonias estrangeiras em Tokio, representaram ultimamente em casa do visconde de Aoki, quadros vivos em beneficio das victimas da peste; as scenas eram quasi todas tiradas da historia da Europa. Appareceram, successivameate, Florence Nightingale, tratando dos feridos durante a guerra da Criméa; Joana d'Arc, apresentando a Carlos VII as chaves da cidade de Orléans; a rainha Elisabeth, recebendo a nova da destruição da Armada Invencivel, etc. O Japão appareceu unicamente numa scena, onde o espirito de paz occidental estava representado apertando a mão do espirito de paz do Japão.

A LIVRARIA

«NOTAS DE TERMINOLOGIA MEDICA PORTUGUEZA» — DR. PLACIDO BARBOSA — 1906.

Os nossos sabios, geralmente, escrevem mal e até fazem garbo da ineptia com que escrevem. Não ha muito que extranhar n'este sentimento que é o da propria sciencia que é cosmopolita e já teve outr'ora um só orgão de expansão no latim, ou antes no máu latino, e ainda agóra suspira por outra macarronea a que chamam o *esperanto*. Toda a algaravia tem as suas vantagens, quebra um pouco as fronteiras da incomprehensão, e, litteralmente, entre entendidos meia palavra basta. Eis ahi a boa fortuna da meia lingua.

Foi grande, pois, o meu prazer misturado de espanto ao ler este livrinho das *Notas de Terminologia*, escriptas com o carinho e amor da nossa lingua, tão maltratada e esquecida por voluntario e insensato desprezo.

N'estas *Notas* o Dr. Placido Barbosa procurou, quasi sempre com exito, substituir expressões barbaras e inuteis que correm na lingua medica por outras mais genuinas e proprias e que só tem o defeito de esquecidas pelo

inconsciente olvido de ignorantes ou preguiçosos.

No exemplar que teve a delicadeza de me offercer, ajuntei algumas reflexões minhas, fastidiosas mas não de todo superfluas; escrevi-as sem pesar as consequencias, mas quiz o auctor do livro que eu as publicasse.

Ahi vão, para gaudio dos esmiuçadores de ninharias e bagatellas. Rara é a vez em que discordo do auctor e não ha pagina do seu opusculo que não me pareça bem meditada e bem escripta, com seguro criterio e inspiração sempre feliz.

* *

E' curioso e interessante o estudo que faz o auctor do termo proprio que deve substituir o francez *ballottement* e propõe o de *rechaço* que significa «reflexão do corpo elastico que, batendo n'outro, torna para donde veio» (MORAES, e D. VIEIRA).

O achado é digno de nota.

O vocabulo foi tirado do jogo da pérola, muito semelhante ou quasi egual ao da *chaça* de que falam os quinhentistas e d'elle se formaram *cachar*, *recachar* com identica applicação de que se utilisaram CAMÕES e outros

Que quando estas damas taes
Me *cacham*, então *recacho*.

Amphitr. I pag. 236 da ed. de 1720.

Na *Arte de furtar* attribuida ao Padre VIEIRA encontra-se o exemplo :

«O mundo todo é pequena pelóta para o bote ou *rechaço* de um lanço de mau governo.»

A. de f.—Cap. 31 pag. 264 da ed. de 1744.
Cf. ainda CHIADO—*Obras* 112 e 162.

Ainda o verbo *recudir* tem o mesmo sentido de *recachar* e é talvez mais bello e euphonico. Ao *recacho* da pedra que resalta quando atirada, ao de leve, e em angulo muito agudo, á superficie das aguas, chamam as creanças *tainhas* (ao norte do Brazil) e os portuguezes chamam *chapelêta*.

E não falo aqui de numerosos termos *repique*, *repiquete*, *rebate*, *ricochête* (que se tomou do francez) *repulsa*, *respingo* (couce) etc.

* *

Quer excellentemente o Dr. Placido Barbosa que se não repudie o termo *sapinho* que é como o povo denomina o *muguet* dos francezes. Não ha razão para desprezar-se o vocabulo já consagrado pelo uzo, e se é de origem popular não menos o é o *muguet* entre os francezes.

Aqui ajunto que ainda em portuguez em commum com o hespanhol, existe para exprimir a mesma cousa um antigo vocabulo arabe *alforva*, *alforra* ou *alhorre* «inflammacion (diz YANGAS do seu *Glossario*) en el esto-

mago de los niños que produce en la boca una especie de aftas; crosta de leche, enfermedad de los niños recién nacidos.»

Do arabe que foi a lingua dos Avicenas e Avérrhoes tomaram-se muitas palavras da sciencia e da pratica medica: *camphora* ou *alcanfôr*, *alcool*, *agua-raz*, *enxaqueca*, *achaque* e ainda muitos que foram esquecidos *alferesia* (epilepsia) *amurco* etc.

O termo que lembra o dr. PLACIDO BARBOSA (quando trata, a pag. 16, da *surmenage*) o *aguamento*, o *aguado* que se diz dos cavallos, notemos de camiuho, que nada tem de commum com o latim mas deriva de *alguaxa* (ungulæ læsio, em Freytag) no hespanhol *aguaxa* e *aguaja*, ulceras que apparecem nos cascos das bestas e por isso as inutilizam quanto ao movimento: dizem-se então *aguadas* (não causadas, mas impossibilitadas de andar).

* *

— A proposito de *ceva*, *cevagem* (*gaver* e *gavage*) pags. 6 e 7, ajunto que João de Barros já empregava o primeiro d'estes em sentido metaphorico :

«Terra que sempre havia mistér ser *ceuada* com gente fresca.»
Dec. III, III, 3.

Os antigos medicos chamavam *cévo* á gordura «de dentro nos rins» em contraposição da *gordura de fóra* que «é junto ao couro»; assim as definiu ANTONIO DA CRUZ na *Recopilacão de Cirurgia* (ed. de 1688, pag. 16). Os technicos romanos Columella e Plinio diziam *saginare*, *opimare*, *farcire* onde dizemos *cevar*. Do latim tomaram os eruditos a palavra *saginar*, com o mesmo sentido; d'esta é que se deriva *sainête* cuja significação propria é pequeno bocado de comer, isca, chamariz, o tutano que era costume dar ao falcão para fazel-o amigo, o azeite com que se untam as patas do gato, com o mesmo intento e para não fugir da casa.

* *

Tambem é excellente quanto diz o auctor acerca das palavras *treinar* e *treinamento* muito usadas outr'óra na arte de cetría ou altanería, como se vê do livro de Diogo Fernandes, vulgarizado na edição moderna de Luciano Cordeiro.

— Não vejo necessidade de substituir a expressão tão clara e popular (como o confessa o auctor) «bico do peito» pelo neologismo *mamilla*. E não só é popular, mas ainda se depara nos bons auctores :

«Elle se fez agora como *bico de peito* muito vermelhinho.»

Dom Francisco Manuel — *Feira de Anexins*, 40.

— O Dr. Placido Barbosa traduz *flamber* por *chamuscár*, o que está

muito bem. Temos entretanto expressão mais convizinha a franceza, que é *afiambrar* e *fiambre* que tem a mesma origem de *flamber*. Quevedo chamou ás donzellas *demi-vierges* de hoje — doncellas *fiambres* — pois que passaram pelo fogo e ficaram um pouco (se já não fora demais) tostadas ou resequidas.

* *

— Como equivalente de *poussée* adopta o auctor a expressão *surto* já empregada pelo professor e escriptor distinctissimo o dr. NUNO DE ANDRADE. Seria preferivel, ao meu ver, o synonymo *resurto* por que *resurtir* é «saír com impeto ao alto». Em certos casos menos geraes, *poussée* é o que o povo denomina pittorescamente o «já começa», pruido, coceira, comichão, cobrêlos. As traducções mais literaes, e ao mesmo tempo genuinas, de *poussée*, em diversa accepção, seriam *puxo*, *repuxo*, *empuxo*; e *puxavão*, e *empuxão* corruptelas de *pux'avante*.

— O auctor propõe a criação dos verbos *secrecionar* e *excrecionar* que me parecem inuteis e não servem á clareza do vocabulario medico. N'este caminho não posso acompanhá-lo. Temos innumerous vocabulos de cuho popular ou literario que podem perfeitamente expressar os varios matices d'essa idea, quer sob a forma de verbos ou de substantivos: *resudar* e *resudação* (que é de Galeno, *met.* 13, cap. 16) *fluxo*; *corrimento*; *purgar* e *purgação*, *curso* e *cursar* (muito usado dos classicos); *exhalação* (de quaesquer humores) *baixa* (menos decente) *destillar* (muito usado na *Cirurgia* de A. da Cruz) *reçumar* e acima de todos *revêr* que é verbo antigo (e usado no Ceará—«o liquido *réve* nas talhas de barro) e deriva do *revelir*. Os medicos antigos nunca tiveram necessidade de dizer—*excretar* ou *excrecionar* e nem se lhes pôde arguir ignorancia n'este ponto.

— Aconselha o auctor, pg. 32, a expressão popular *criança de peito*, e o faz com discreto gosto e conforme ao uso dos classicos. *Menino de peito*, diz DOM FRANCISCO MANUEL na *Feira de Anexins*. Na lenda do *Boi espacio* segundo a versão de S. Roméro ha a expressão *mammote* que indica o bezerro que ainda *mamma*, e é a que empregara ODORICO MENDES quando annotou o seu *Virgilio brasileiro*; DOM FRANCISCO MANUEL applicou-a ao homem no § 8 pg. 41 da obra citada :

— «Você é de *mama*

— Mas eu não sou *mamote* como elle.»

— Para substituir *ecran*, a pg. 73, o auctor propõe o hespanhol *pantalha* ou o neologismo *umbraculo*, preferiveis sem duvida ao vocabulo francez: ao mesmo intento poderiam servir — *pa-*

ralume, quebraluz que são formações modernas e literarias. Os italianos dizem *paralume e ventola*. Temos nós outros *biombo, tabique, bastida* e o termo antigo *azerve* se o anteparo é feito de ramos. Nas egrejas ha um ponco para dentro da porta maior o *guarda-vento*, que é o seu nome tecnico na architectura. Por essa abundancia, que não é tudo, bom se vê que o chamado *ecran* só anda na boca dos que tomam chá as cinco por parecerem inglezes.

*

Aqui fico. São innumeradas as observações excellentes que se deparam n'este livrinho, onde tanto esforço, diligencia, estudo ou talento se traduz em admiravel equilibrio e lucidez de espirito. Acredito piamente que este opusculo vale muito mais que uma duzia de novelas, contos ou versos, ainda *razoaveis*, que augmentam annualmente o esteril catalogo da nossa bibliographia. A prova maior, se outras não houvesse a mão, da nossa ineptia e estreiteza é a que já está entranhada na alma dos nossos literatos de que a *pedra de toque* do talento é o *romance* ou o *conto*, genero que entre nós, ao lado do *soneto*, é uma como literatura dos pobres ou das creanças.

Cada um se julga na obrigação de contar uma historia e não termina sem aconselhar da parte d'el-rei que se conte outra.

— Escreva um *romance*, dizem-me ás vezes, com grande honra para mim.

— E então? os *sonetos* que escrevi não valem nada? Fiz um cento d'elles e considero-me desobrigado; não devo nada á praça.

JOÃO RIBEIRO.

Tivemos o agradável proposito de conservar, *literalmente*, no artigo do sr. João Ribeiro, a orthographia do original.

E' uma homenagem ao eminente grammatico, sobretudo escrevendo elle sobre materia philologica.

ARMADA NACIONAL

A refórma compulsoria. — Sua inutilidade. — As medidas que elevariam o nivel do preparo profissional. — Fechamento da Escola Naval. — Concessão de refórmas vantajosas. — Augmentos de quadros. — Os factos.

A' primeira vista, parece que o remedio mais efficaz contra o mal que apontámos, é a refórma compulsoria; suppôr-se isso, porém, é um erro: as vantagens da refórma compulsoria como medida destinada a sanear os quadros dos officiaes, são illusorias. De facto: as differenças entre as eda-

des dos officiaes que saem conjuntamente da Escola Naval, na mesma turma, variam até um limite maximo de 3 e 4, algumas vezes de 5 e, excepcionalmente, de 6 e mais annos. Como a classificação desses officiaes, é sabido, não obedece ao principio da idade, mas sim, com razão, ao das notas alcançadas nos exames, succede que a um official qualquer segue-se em classificação um outro, indifferentemente, mais velho ou mais moço, de um certo tempo, que váe, na média, até 3 annos.

As carreiras desses officiaes, salvo circumstancias anormaes, fóra de toda previsão, (uma guerra externa, uma revolução como a de 93), e salvo escandalos (como os que já apontámos) nas promoções por merecimento, serão semelhautes: elles subirão aos postos, sem se apartarem em geral, ou apartando-se muito pouco na classificação; irão assim, supponhamos, até um posto em que, *provavelmente*, tenham de soffrer a refórma compulsoria: então, si o mais antigo é o mais velho, será compulsado em beneficio do segundo, cujo valor como official não será maior do que o seu; ter-se-á evitado que attinja o posto superior, digamos para mais clareza, o posto de capitão de mar e guerra, um official com 58 annos para amanhã promover-se ao mesmo posto, outro com 56 ou 57 annos! Ora, evidentemente apreciados sob o ponto de vista de vigor e robustez, esses officiaes estarão, theoricamente, em egualdade de condições; praticamente, o menos edoso póde ser tambem o menos robusto. Figure-se agóra o caso inverso; figurem-se novos casos, comparando o segundo daquelles officiaes com um terceiro; este, com um quarto, e assim successivamente: chegaremos a concluir que a refórma compulsoria é, pelo menos, injusta. E si, por fim, ao caso de dois individuos isoladamente substituímos o de duas turmas consecutivas, além de verificarmos as injustiças, verificamos a improductividade da refórma compulsoria relativa ao saneamento dos quadros, porquanto, reformando capitães de corveta de 50 e 51 annos, que por certo irão tambem compulsados em capitães de fragata, os quadros viverão eternamente entupidos com gente velha.

O que expuzemos até agóra, é o resultado que trará para o futuro a refórma compulsoria. Até o presente, exceptuado o momento em que tal medida começou a ser applicada, relativamente nada produziu: de 1894 até hoje, não houve 10 officiaes compulsados! Quando foi posta em execução, muitos effectivamente soffreram os seus effectos: era natural, não existindo antes, tendo havido nos quadros da armada a revolução que se operou durante, e logo após, a guerra do Paraguay, os quadros de officiaes superiores encerravam um consideravel numero de fosseis, como hoje se diz, verdadeiros pensionistas do Thezouro. Como remedio para o momento, a compulsoria foi efficaz; como medida permanente, provou mal e provará peor. Para que desse resultado, agóra, seria necessario diminuir os limites das edades: muitos seriam os apanhados nas suas malhas, a grita levantada seria enorme, e o Supremo Tribunal Federal acabaria julgando inconstitucional a medida.

Accresce ainda que, pela maneira por que foi decretada entre nós, a compulsoria padece de outro inconveniente: a concessão de quotas additionaes por anno de serviço que exceder um certo limite, prende mais, e por mais tempo, á actividade os officiaes que de antea se julgam condemnados á refórma, e que, por isso, é razoavel, se tornam completamente *descrentes*. Si taes officiaes, no momento em que se capacitassem de que a compulsoria os apanharia, tivessem tambem sciencia de que ser-lhes-ia inutil continuar no serviço por mais tempo, que isso lhes não traria mais vantagens, reformar-se-iam logo com vantagens actuaes, e não continuariam — inuteis — a obstruir os quadros, na expectativa de mais 80\$ ou 100\$ mensaes, para o futuro.

Parece ter ficado demonstrada a inefficacia da refórma compulsoria como meio de varrer dos quadros da armada toda a gente velha que os enche. Depositar-se nos seus effectos a esperanza de futuro melhor para os officiaes subalternos, é outra illusão, e não precisamos, para proval-o, juntar mais argumentos aos que ahi ficam.

De quanto vimos dizendo sobre aquelle futuro e sobre a improficui-

dade da refôrma compulsoria, da propria analyse que fizemos a esse respeito, resalta espontaneamente o conjuncto de medidas que se impõem com o duplo fim de limpar os quadros superiores e elevar o animo dos subalternos pela perspectiva de uma carreira mais risonha. Essas medidas são :

1.^a, o fechamento immediato da Escola Naval por tempo indeterminado, e até que se restabeleça o equilibrio imprescindível ora quebrado entre o numero dos officiaes subalternos e os accessos para cada quadro. E, quando conseguido tal equilibrio, fôr reaberta aquella escola, limitar o numero de matriculas ao de vagas provaveis durante o anuo, vagas realizaveis por morte ou refôrma de officiaes e pela necessidade de augmento de pessoal relativo a augmento de commissões.

E' tão natural que seja este o criterio regulador do numero de matriculas na Escola Naval, sobretudo por serem os quadros da nossa armada de uma fixidez incompreheensivel, que custa crer não tivesse sido nunca adoptado. O resultado de não ser elle adoptado, foi o que sabemos já.

2.^a A concessão de refôrmas que offerecessem aos officiaes vantagens muito maiores do que as que teriam reformando-se actualmente, e pelo menos eguaes ás que alcançariam si se conservassem na actividade por mais uns dez annos, para, ao cabo destes, reformarem-se. Estas refôrmas seriam concedidas aos que as solicitassem dentro de um certo e curto prazo.

A idéa nada tem de nova. Já foi, ha muito, applicada na Inglaterra em crise identica á nossa actual, e o sr. almirante Jaceguay, no seu livro *Projecto de organização naval*, descortinando, ha mais de dez annos, o espectáculo tristissimo que hoje offerecem os nossos quadros, acreditava, tambem, ser ella um dos meios mais efficazes para conseguir officiaes superiores mais novos e aptos.

A adopção dessa medida obriga naturalmente a de outras complementares: a suspensão da lei que actualmente regula as refôrmas, suspensão só temporaria ou mesmo definitiva afim de que essa lei seja substituida por outra mais racional, em que—deve ser a maior preocupação—se suppri-

ma a concessão de quotas addicionaes.

Essa medida terá como consequencia a retirada dos quadros de todos os officiaes superiores e generaes que, sem preparo, completamente incapazes, (e são quasi todos, já o vimos) unicamente aguardam os efeitos da compulsoria ou um ministro amigo (os ministros amigos não faltam, attento o espirito de subserviencia e bajulação que domina a maior parte dos quadros elevados) que os eleve mais, afim de obterem melhor refôrma.

Com a retirada dessa multidão de inuteis, abrir-se-iam muitas vagas aos officiaes subalternos, que teriam assim soffriavelmente alargado o futuro; para completar-se emfim essa obra de indispensavel realisação, adoptar-se-ia a

3.^a medida: um augmento do quadro de capitães-tenentes e primeiros tenentes. Não é, note-se, um augmento no numero de officiaes; apenas ampliação do dois quadros, levada a effeito com a promoção de officiaes já existentes, segundos-tenentes, alguns dos quaes contam já 3 annos e meio de posto.

O augmento do quadro de capitães-tenentes, independente dos males que já estudámos, seria logico, tão logico que esse quadro em todas as marinhas de guerra, quasi, é muito maior do que o immediatamente inferior e muito mais de duas, algumas vezes de tres, maior do que o immediatamente superior; na nossa marinha, no emtanto, ha 80 capitães de corveta, 160 capitães-tenentes e 150 primeiros tenentes. E é em geral daquella fôrma, muito mais vasto o quadro de capitães-tenentes, para que a demora do official seja apenas a justamente necessaria ao posto de primeiro tenente (nunca mais de 4 annos), e para que se torne completa a sua aprendizagem, com uma demora mais ou menos longa no posto de capitão de corveta, posto em que o official pôde exercer as mais variadas funcções, desde a de official subalterno a bordo, até á de commandante de navios de certa categoria, posto emfim em que, e por isso mesmo, a espera mais ou menos longa, por accesso, é menos exhaustiva das energias do official.

Compreende-se bem que não indagaremos aqui de quanto seria aggra-

vado o thezouro com a adopção dessas medidas: não apresentamos idéas para salvar as nossas finanças, mas sim para melhorar a armada. Aquellas, as idéas de auxiliar a nossa reconstituição financeira, a preocupação de uma economia ridicula sinão criminosa, fôram, entretanto, as que asoberbaram o ultimo ministro da Marinha, e as que continuam tambem a pezar em parte das decisões da administração actual.

Compreende-se outrosim que não apresentemos detalhes de execução do conjuncto dessas medidas: a nossa qualidade de simples amigo da armada não nos dá preparo e competencia technicas.

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

MILAGRES, ESCAPULARIOS...

A *Nação* publicou um telegramma de Lourdes, em que se lhe diz: *O padre coxo já vê, a paralytica já anda.*

Parece impossivel que uma folha religiosa como a *Nação* desse cabimento nas suas columnas a um milagre tão miseravel, tão safado, tão réles como esse! Com effeito! foi então para isso, para esse milagrote-sito de cácaráca, para dar vista aos cegos e para fazer andar paralyticos, foi para essa insignificancia, para essa miseria, para essa sovínice, que a sra. condessa de Sarmiento organisou a sua romagem, que andou a reunir os padres cegos e as sujeitas paralyticas, e que unicamente para os fazer ver e para os fazer audar os levou tão longe?!... Ora muito obrigado! muito obrigado pelo favor!

A sra. condessa de Sarmiento e todos os devotos e devotas que collaboram com s. ex. na bonita obra da peregrinação têm obrigação restricta de abrirem immediatamente uma subscripção para o fim de indemnizarem o padre ex-cego e a mulher ex-paralytica do incommodo que lhe deram. Porque nós — e a *Nação* bem o sabe! — nós temos devoções ali da Baixa, que uos affirmam e affiançam, sob a auctoridade dos padres e pontifices, exactamente os mesmos resultados obtidos pela romagem.

Pois que! A agua de Lourdes ao pé da bica, na propria gruta, por conta e na presença da santa, não ha de dar mais effeitos ao consumidor do que a agua de Lourdes exportada, expedida ao estrangeiro em vasilhas quantas vezes impuras, quantas vezes com más rôlhas?!

Não vimos nós ahí, ha dois annos, na Santa Casa da Misericordia, uma enferma paralytica, a qual desfechou a andar, com a mesma facilidade com que anda a roda da mesma Santa Casa, logo que lhe chapinharam os membros locomotores com agua das latas ? !

E a pobrezinha de Christo, desencaminhada pela sra. condessa de Sarmiento para se metter ás estradas é para ir por ahí fóra em braços até Lourdes, chega lá e não obtem mais nada senão o que obteve a outra sem sair do largo de S. Roque ? !

E ainda ouzam dizer-nos — o que não póde ser senão por escarneo—que ella *andou* ? ! Olhem a grande façanha — *andar* ! Mas, senhores, tendo tido o trabalho de ir a Lourdes, o que essa mulher devia fazer, pelo menos, era correr, correr a sete pés, e trazer de lá para esse fim cinco pernas a maior das que levou !

Outro tanto temos que dizer do cego. Unicamente para ver pelos olhos lesos, sem ir mais longe, tinha ahí o sr. Mascaró, que lhe fazia o milagre no olho de cada lado num abrir e fechar do olho do lado opposto. Em Lourdes, seria preciso, para sustentar os creditos da agua na sua devida altura, que o homem não só principiasse a ver pelos olhos mas que visse tambem por outros membros.

Isso então já valeria mais a pena de se contar, e comprehenderíamos que a *Nação* o publicasse em telegramma : «O padre cego apparece-lhe um olho em cada buraco do nariz e está-lhe a vir outro na cova do ladrão, pelo qual já lê as suas rezas, de costas na cama, com o breviario debaixo do travesseiro. A paralytica já deitou seis pernas novas e está com dois grandes furunculosi nos hombros: suppõe-se que sejam as azas a romper. Quando se lhe expremem os carnicões bota pernas. Infinitos louvores sejam dados a Deus Nosso Senhor, porque pela côr do voadouro vemos que a paralytica nos sáe pedrez ! »

Isso, sim senhor, isso seria um soffivel milagre, ainda que de segunda ordem, porque os ha muito maiores.

Da virtude dos escapularios, por exemplo, contam-se e authenticam-se coisas, ao pé das quaes tudo quanto a agua de Lourdes tem feito é zero.

O escapulario preserva o fiel de todos os males, preserva-os das doenças, das pestes, dos perigos de agua, dos incendios, do raio, das quedas, das balas, das sovas, etc. De tudo isto ha provas que não podemos pôr em duvida. No livro intitulado *Virtude miraculosa do Escapulario demonstrada por casos de protecção, de conversão e de curas miraculosas,*

pelo revd. padre Huguet — *Saint-Dizier, Paris, Lyon, Bruxelles et Anvers*, 1869, todas essas virtudes se acham confirmadas com muitos exemplos.

Pessoas que cáem do alto de enormes torres ficam intactas, nem um botão dos suspensorios lhes rebenta, e se estavam lendo o seu jornal no alto das torres, como algumas vezes succede, vêem lendo nelle pelo ar emquanto cáem e continuam a leitura em baixo, traçando a perna num estado de satisfação ineffavel.

O sr. A. de L..., tendo entrado na insurreição do Var, com um escapulario ao pescoço, recebe vinte e nove tiros, appareceram-lhe no fato os vinte e nove furos das vinte e nove balas : elle no entanto fica illeso. «Não uos foi possivel matal-o, tivemos de desistir !» — disse por essa occasião um gendarme. (Obra acima referida, pagina 21.)

No auge de um pavoroso incendio um devoto lembra-se de lançar ao meio das chaminas o seu escapulario; o incendio immediatamente se extinguiu e, no meio das bombas desempregadas, o escapulario, encontrou-se intacto. «Apenas, diz o padre Huguet na obra alludida, se observou que elle cheirava um pouco a chamusco». (Pagina 17.)

Um soldado na batalha de Novara vê cair em torno delle todo o regimento, elle é o unico sêr que sobrevive : examina-se o soldado, e achase-lhe um escapulario mettido na bocca e um em cada braço. (Pag. 20.)

Um desgraçado, querendo suicidar-se, lança-se ao mar quatro vezes consecutivas, sempre debalde : o mar arroja-o á praia, recusando-se obstinadamente a submergil-o. O desgraçado recorda-se então que traz ao pescoço um escapulario, e atira-se ao mar pela quinta vez, tendo deixado o escapulario em terra. Foi sómente com esta condição que o mar se resolveu a dar cabo delle. (Pag. 15.)

Além de livrar de todos os perigos, sem excepção, durante a vida, o escapulario livra completamente das penas eternas depois da morte. O abbade Guglielmi, auctor do livro intitulado *Collecção dos escapularios, da Immaculada Conceição, do Rosario, do Carmelo, etc.*, diz terminantemente, a pag. 231, que os demonios se queixam no inferno, pela maneira mais amarga, do grande numero de almas que lhes são arrebatadas pelos escapularios. Parece que não ha dia em que um milhão de diabos não roguem esta praga medonha : — Que nós levemos os escapularios !

As approvações pontificaes de todos os Papas, desde João XXII até Pio IX, confirmam cabalmente os poderes attribuidos ao uzo dos escapularios.

O escapulario do Monte Carmelo tem a propriedade especial de expedir para o céu o penitente, quaesquer que tenham sido os peccados por elle perpetrados, no primeiro sabbado seguinte ao da sua morte. Facinora que arranje a morrer com o escapulario na sexta-feira á meia noite, pódem os facinoras seus companheiros esperal-o no purgatorio, que o hão de ver por um oculo !

O uso do escapulario é extremamente commodo : não obriga a encargos de nenhuma especie, salva-nos independentemente da penitencia, da confissão e da communhão. Tambem não priva o penitente de qualquer prazer a que elle se queira dar neste mundo. Assim o affirma o revd. Guglielmi. O essencial é não o tirar nunca, nem mesmo *quando voluntariamente se váe peccar* : é o que mais particularmente prescreve o dito padre Guglielmi.

De todos os escapularios o que mais se recommenda á eleição dos devotos é o do Sagrado Coração de Jesus, porque este escapulario nem sequer precisa de ser benzido. Basta, para nos captar todas as indulgencias, que elle seja feito pelo modelo approvedo pelo nosso Santo Padre Pio IX, do modo seguinte : Sobre um pequeno retalho de lã branca — retalho quadrado ou oblongo, porque sendo redondo, oval ou polygono perde a virtude — applica-se um coração de flanela encarnada, com um appenso, bem talhado e cosido a pesponto, de modo que imite a corôa de espinhos acompanhada de algumas gottas de sangue bordadas a seda. Aparte, em uma tirinha de panno patente, borda-se a ponto de marca, linha encarnada, a inscripção sacramental : *Suspende ! Está comigo o coração de Jesus !*

Ora, podendo cada um em sua casa, no seio da sua familia, fazer um destes escapularios, deital-o ao pescoço e ficar livre, para a vida e para a morte, de todos os perigos, de todos os males; podendo cair do alto das torres, atirar-se ás voragens do fogo e do mar, e metter-se debaixo dos raios, sem mais risco do que teria deitando-se na sua cama, não fará a *Nação* o favor de nos dizer para que ha de ir um homem a cascos de rolha beber uma agua, que segundo a mesma *Nação*, o mais que faz é unicamente dar vista aos cegos e movimento aos paralyticos ?

Ha umas tantas coisas que a *Nação* até devia ter vergonha de dizer... O que a *Nação* precisava era que lhe deitassem um bom escapulario a esse pescoço, para a *Nação* ficar então sabendo o que são milagres ! Porque a *Nação* não sabe o que são milagres !

Pôr o padre cego a ver e pôr a paralytica a andar não passa de uma habi-

idadesita mediocre, uma curiosidade, um bocadito de geito!

Vir á feira unicamente com uma porcaria dessas parece mesmo de proposito para fazer perder á gente o gosto pelas devoções...

Emquanto a nós o que a *Nação* tem é o espirito maligno no corpo do jornal! Cruzes, demonio!

RAMALHO ORTIGÃO.

O ALMIRANTE (85)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVIII

Hortencia continuava ao piano, borboleteando sobre os motivos mais estimados, passando de uma peça a outra de genero diverso, sem se fatigar, executando-as com indolencia tristonha de quem aviva a memoria, interrompeudo subitamente umas, repetindo outras mais harmonicas com o seu estado d'alma, com a situação resultante daquelle extranho noivado. Oscar obedecendo á necessidade de repouso que ella lhe impuzera com uma brandura fraternal, se refugiára na bibliotheca e se esforçava em vão para ler revistas sobre cujas paginas os seus olhos passavam machinalmente, sem ver. O seu espirito se alava no torvelinho de harmonias inebriantes arraucadas pelos dedos magicos da esposa, á região brumosa dos souhos absurdos, inconsequentes, exóticos, de desenlace perdido na noite privada do phanal da esperança. Por vezes, elle interrompia a automatica leitura e deixava cair entre as mãos a cabeça atordoada, meditava durante alguns minutos; erguia-a resolutamente, como si pretendesse afugentar pensamentos importunos e divagava com olhar incerto pelos quadros, pelas estatuas, pelas atulhadas estantes que povoavam aquelle recinto tão querido, onde elle outr'ora passava horas amenas de trabalho, de estudo.

E, tão absorto estava que não ouviu o argentino tilintar do timbre da porta, havia muito fechada, a porta da sua servidão particular para entrar no seu refugio encantador.

José surgiu junto do piano conduzindo um cartão numa salva de prata. Hortencia estacou surprehendida, leu o cartão e, com um gesto de amúo, disse-lhe compondo rapidamente os cabellos e o traje:

—Manda subir.

Pouco depois, mansamente, colhendo com cuidado os grandes fólhos de seda ruidosa da saia, appareceu Dolores.

—Que é isto? — exclamou Hortencia. —

—Surprehende-te a minha presença? — inquiriu Dolores, tiritante de commoção.

—Alegra-me. Extranho sómente que te fizesses annunciar.

—A situação agóra é diversa. E' a primeira vez que venho á tua casa...

Hortencia tomou-a carinhosamente pelo braço e levou-a a uma poltrona visinha no piano.

—Eu extranhára, com razão, a tua auzencia: eu e Oscar. Espera vou chamal-o.

—Espera... — acudiu Dolores, vivamente — Espera que me passe isto. Não vês? Estou nervosa... Deu-me isto agóra..

Hortencia sentou-se envolvendo-a num olhar de compaixão pela extraordinaria mudança que lhe notava no gesto, na vóz, na attitude, tão differentes das maneiras vivas, alegres, explosivas da formosa mulher.

—Não imaginas — continuou Dolores — como tenho passado mal... Eu vinha com o Dadá que deve estar a esta hora jantando com a marquezia, mas... á ultima hora resolvi o contrario. Tanto que elle partiu, melhorei e resolvi não adiar mais esta visita e... aqui eston... para te abraçar, para te trazer os meus parabens. Oh! eu te considero a mais feliz das mulheres...

Hortencia não respondeu, baixou os olhos ruborisada, vexada pelo cumprimento de Dolores.

—Sim, deves ser a mais feliz das mulheres — continuou esta, cravando os bellos olhos melancolicos no nebuloso semblante de Hortencia — Oscar é um homem perfeito, um marido idéal. Além disso, esse casamento romantico, inesperado, a ventura resultando de um golpe da fatalidade.. Assim é que eu quizera ter casado, arrebatada numa aventura dessas, subitamente, sem os antecedentes vulgares, sem as intervenções interesseiras, sem calculos sem previsões que esfriam a impetuosidade do amor...

Dolores ia pouco a pouco readquirindo a vivacidade, a peculiar volubidade, si bem que fôsse obrigada a se interromper para ajustar o collete que a maguava, provocando-lhe ligeira contorção do admiravel busto.

—O imprevisto—continuou ella— o lance decisivo do nosso destino, levando-nos um momento ao paraíso sonhado: era assim que eu quizera encontrar marido, assim, sem procurar, como nas comedias... onde os amantes se cazam sem os prosaicos preparativos do enxoval, da casa, dos meios de vida, e ficam, apesar disso, bem casados e se amam...

Hortencia colheu com o lenço lagrimas irrepressiveis.

—Que é isto? — observou Dolores, espantada — Dar-se-á?.. Valha-me Deus! Afflige-me suspeitar que.

Será possível?... Não amas teu marido? Não o amas?..

— Ainda não me resignei á realidade— respondeu Hortencia, num dorido accento — Tudo foi tão rapido, tão inesperado..

(Continúa)

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXIV

A Constituinte, porém, blasonando de professar doutrinas constitucionaes, preconizando a divisão dos poderes, não se limita á fiscalisação, á harmonia, ao accordo que mantém o justo equilibrio no meneio do mechanismo representativo constitucional. Antonio Carlos vocifera, em pleno Parlamento, que o *Poder Executivo ha de obedecer o que lhe ordenar a Camara, que é a representante da soberania*, e na sessão de 16 de setembro assegura que nunca «concederá meios ao Governo, porque não lhe merece confiança.»

Si na Constituinte argúe-se o Governo por causa da admissão dos soldados e officiaes lusitanos no exercito, o Imperador manda o ministro da Guerra explicar essa acto á Assembléa. Parece que por calculada paciencia quer provar á Camara a sua firme resolução de manter a harmonia.

Do seu lado, a Constituinte mostra-se exigente a respeito de todas as deliberações imperiaes; por exemplo: d. Pedro participa á Assembléa haver nomeado os deputados Nogueira da Gama e Carneiro de Campos ministros de Estado, depois do demissão dos Andradas, ou que pretende enviar o deputado Brant Pontes a Londres em missão que interessa ao Brazil. A Constituinte duvida da competencia de fazer o Imperador taes nomeações; mostra não querer lh'a reconhecer; discute-a largamente e como para, no futuro, atar as mãos ao Imperador e obstar-lhe o exercicio daquella faculdade, approva o projecto da incompatibilidade, suggerido por Araujo Vianna, futuro marquez de Sapucahy, incompatibilidade que prohibe ao deputado de aceitar a nomeação imperial.

A discussão, concernente á admissão dos soldados e officiaes lusitanos no exercito nacional, não é assumpto de pouca monta; ao contrario, é de gravissimo alcance. Basta reflectir que os brazileiros acabavam de romper o jugo colonial e detestavam o regimen absoluto; consideravam um lusitano feróz inimigo. Mas vendo que elles eram recebidos em nosso exercito, irritavam-se e de véras credi-

tavam que o Imperador intencionalmente recrutava e preparava instrumentos para restaurar ou continuar a monarchia tradicional. E' proprio da indole popular tomar as suspeitas como realidade. Tudo induzia a crer nas suspeitas. D. Pedro era portuguez, herdeiro dos dois reinos e estimaria possuil-os unidos; assim, si elle acolhia os lusitanos era porque tinha em vista nullificar a Independencia e restabelecer o regimen antigo. Quem póde destruir no espirito popular as suas subitas ou desarroçadas inspirações? A Assembléa Constituinte, em vez de esclarecer e moderar a opinião publica, pelo contrario fazia a propaganda no mesmo sentido. Era ella que agitava e açulava as paixões e avivava os preconceitos populares.

D. Pedro não era um imbecil; viu que a Assembléa não só o contrariava, como lhe creava perigos. Estava compenetrado da urgencia de desembaraçar-se de semelhante trambolho. Da que, em verdade, lhe servia a Assembléa? Ella não fez a Independencia, nem proclamou o Imperio; achou e obra feita. O seu trabalho era antes de demolição do que de consolidação. Viu-se nessa terrivel alternativa, deixar a Assembléa continuar a fazer a sua propaganda, a destruição da obra das margens do Ypiranga; supprimil-a importava restabelecer a mesma obra. Ora o paiz que a queria, naturalmente, applaudiria o acto do Imperador, que removesse ou nullificasse o obice que se lhe oppunha. Assim a Constituinte estava julgada e ha de esperar o decreto de 12 de novembro, que ella, si não fôsse tão inepta, deveria ter previsto.

Enumeramos algumas circumstancias que fórmam a sômma de motivos sufficiente para determinar o golpe de Estado de 12 de novembro.

Si quizessemos ter extrema paciencia, colheriamos mais avultada sômma de circumstancias, desde a fala do throno na sessão inaugural, em que o Imperador declarou que só accitaria a Constituição, si fôsse digna delle.

Porque—inquirirá a historia—estabeleceu-se essa lucta dissimulada entre a nação, que o acclamára e proclamára Defensor Perpetuo e Imperador?

* *

Continuando a tratar-se da divisão do territorio do Imperio em provincias, falou-se do Estado Cisplatino, unido ao Brazil por federação. Alguns deputados ponderaram que a maioria da Assembléa não poderia ajuizar dessa materia, porque não conhecia as condições dos tratados. Affirmaram que esta união se déra, em circumstancias excepcionaes e, portanto, era conveniente adial-a e solicitar do Go-

verno cópia dos tratados e informações indispensaveis, que a esclarecessem.

Votado e approvedo o adiamento, quanto á Cisplatina, proseguindo o debate a respeito das provincias brazileiras, então Ferreira França, deputado da Bahia, enviou á meza a seguinte emenda: «comprehe confederalmente as provincias.»

Montesuma, em rapido discurso, desenvolveu e sustentou a idéa. O França, representante do Rio de Janeiro, pronuncia-se contra, tendo votado a favor sómente para que pudesse haver azo de verificarem-se as vantagens ou desvantagens e perigos de tal systema de união politica.

Carvalho e Mello tomou parte no certamen travado. O seu discurso, aliás vigorosa e lucidamente deduzido, evidencia que o orador se sente apavado com a idéa do systema federativo no Brazil, que adoptou a fórmula de governo da monarchia constitucional. O deputado bahiano exclama: «Com que maravilha, com que espanto, sr. presidente, ouvi repetir neste augusto recinto a expressão — federalmente — na emenda proposta pelo sr. França. Todos nós nos achamos nelle unidos para fazer uma Constituição e marcar a fórmula dum governo representativo monarchico constitucional e assignalar nesta conformidade a divisão dos poderes. Com que maravilha, torno a dizer, vejo naquella emenda sustentar-se uma doutrina, que póde trazer sobre nós immensos males! Só a inconsideração a podia dictar. Federação dizem os escriptores politicos, é a união de associações e Estados independentes, que se unem pelos laços duma constituição geral, na qual se marcam os deveres de todos, dirigidos ao fim commum da prosperidade nacional e nella se regulam allianças offensivas e defensivas; resoluções de paz e de guerra; repartição de despesas; contribuições e empréstimos necessarios para despesa e segurança dos Estados-Unidos; empresas de utilidade geral e relações diplomaticas. Fóra disto, tudo mais é nma união intima de todo Imperio, como se declara no artigo e conforme o declararam todas as provincias.

Que quer dizer um Imperio indivisível? Não existe já nma monarchia constitucional pelos proprios povos proclamada? Que é uma monarchia? E' um todo composto de todas as partes dirigidas ao fim unico da prosperidade geral, erguida sobre a base duma Constituição, que se compõe de leis fundamentaes, unidas com as regulamentares, estabelecidas com o mesmo fim. Si os povos já manifestaram a sua vontade, como havemos ir contra ella? Como havemos de fazer uma nova fórmula de governo, si já está

decretada pela unanime voz da nação a monarchia constitucional? Isto seria atacar os direitos politicos da mesma nação.»

O orador, tomando este ponto de partida, desenvolveu-o amplamente, e procurou evidenciar que a nenhum dos representantes era licito votar outra fórmula contraria áquella já fixada pela vontade e soberania nacional, que excluia uniões federativas. Parece ao orador que a Constituinte não tem que tratar da melhor fórmula que convém ao Brazil; esta já está proclamada por todas as provincias: é esta só a vontade dos povos; cumpre á Constituinte executar-a á risca, obedecendo-lhe.

Carvalho e Mello fez uma série de longas considerações para mostrar que a emenda, contendo a palavra — *federalmente* — não devia ser approveda, e concluiu dizendo: «viemos para formar a Constituição do Imperio monarchico constitucional, igual á vontade dos povos acclamada em todas as provincias...»

Não devemos faltar á vontade dos nossos constituintes. si fizermos o contrario, collocaremos no altar da patria um ninho de difficuldades, um montão de desordens.»

Esta oração simples, porém proferrida com a vehemencia da convicção, com certa vibração do sentimento de sincero patriotismo, impressionou profundamente o espirito dos homens mais razoaveis.

Carvalho e Mello não era dos amadores dos effeitos e dos lances da scena parlamentar. Sem ostentação ruidosa como Carneiro de Campos, Pereira da Cunha e alguns outros, desempenhava modestamente as funções de legislador. Não se via nelle o entono de Antonio Carlos, nem o fatigante *charlatanismo* das dissertações doutoraes do profundo jurisculto Silva Lisbôa. O seu talento, erudição, experiencia e criterio hão de lhe dar um logar entre os redactores da Carta Constitucional de 25 de março.

Carneiro da Cunha, que já temos assignalado como um dos caracteres mais independentes e impavidos do Congresso de 1823, respondeu com certa acerbidade ao orador bahiauo, procurando justificar e de balde sustentar a emenda corceunte á federação. Montesuma voltou á tribuna e, como um destemido luctador, empenhou-se no combate. Já nesse tempo o *mexicano* era um dos primeiros luzeiros da nossa eloquencia politica. Elle combateu as proposições do deputado fluminense França, que havia opinado ser a fórmula da monarchia incompatível com o principio federativo. Recorreu á historia; alludiu á Heptarchia anglo-saxonia com o seu

Wittgenot. Pensa Montesuma que, si a experiencia mostra que de reinos unidos se fórma um todo monarchico federal; si de provincias unidas se fórma um todo republicano; porque egualmente de provincias confederalmente unidas não formaremos um todo monarchico representativo? Refutou calorosamente muitas das considerações feitas por Carvalho e Mello e ás vezes victoriosamente.

Henrique de Rezende tomou a palavra, limitando-se somente a explicar os motivos de haver apoiado a emenda, contra a qual votará.

A idéa federativa surgiu, para uns, como sinistra ameaça ao Governo Imperial e, no conceito de outros, como excellenté systema de grande vantagem para administração do paiz. O que é certo, porém, é que ella preocupou o Governo e fez sair a terreiro representantes que se abstinham de figurar na arena dos combatentes.

Logo que o deputado de Pernambuco emudeceu, levantou-se o vulto encanecido de Silva Lisbôa e, com a gravidade e solemnidade do costume, começou a dissertar: «Sinto oppôr-me á emenda do meu amigo o sr. Ferreira França; mas este é o caso de dizer: é amigo Platão, porém, ainda é mais amiga a verdade.

Depois de haver trovejado contra ella, com eloquencia de Pericles, o illustre membro, o sr. Carvalho e Mello, nada teria eu a acrescentar, si não visse apoiada aquella emenda por varios senhores deputados e sustentada pelo mesmo sr. França. Notou-se ao sr. Mello o ter dito que ouvira com admiração tal emenda e foi chamado á ordem, porque arguira de inconsideração. Quanto a mim, confesso que fiquei admiradissimo e se houvesse superlativo maior para exprimir a minha admiração, delle usaria. Esse termo é uzado no Parlamento de Inglaterra pelos mais discretos membros contra as opiniões dos seus mais intimos amigos e a palavra inconsideração, ao meu entender, não é injuriosa e só indica que não se deu a consideração que o objecto exigia.

Certamente se pôde isso dizer da emenda, salva a honra e a boa intenção do sr. França, á quem não posso attribuir sinistrô disignio.

Entendo, todavia, que elle está em gravissimo erro, quando considerou que o systema da união federal das provincias do Brazil não seria contra a felicidade do povo. Não é de boa razão o censurar-se, sem indulgencia, alguma palavra, não se dando a venia e tolerancia que aliás para si reclamam os que não são menos vehementes em suas expressões. Sr. presidente, estou persuadido que a palavra federal inserta na Constituição teria peor effeito que uma bala pestifera do

levante para dissolução do Imperio do Brazil. Não vimos aqui fazer novo dictionario juridico: os termos federal, federativo, federação se derivam do termo latino—*foedus*— que significa pacto e alliança com inimigos e amigos independentes para paz ou guerra.

A fundadora de Carthago, que moribunda fez imprecações contra o fundador do imperio romano e seus descendentes, deixou o legado do odio eterno, recommendando aos proprios subditos que com elles nunca fizessem federação ou transacção alguma—*nulla foedus sunt*. Os escriptores do direito das gentes tambem declaram o que se entende por *causus foederis*.—(Vatel, livro 6º, pag. 29).

E' bem conhecida a confederação Heveltica, a dos antigos Estados Geraes da Hollanda, quando esta se constituiu em Republica e a confederação do corpo germanico, composta de Estados independentes, ainda que associados para resistencia a inimigos communs...

Não reproduziremos o discurso inteiro; quizemos, apenas, dar aos leitores duas amostras—1ª, da maneira discursiva do afamado jurisconsulto; 2ª, do pavido confrangimento dos animos, ouvindo a leitura da emenda concernente á federação. Essa emenda era uma novidade; ninguem ouzaria apresental-a, sinão o *celeberrimo philosopho*, o medico França. Em verdade, o espanto e outros sentimentos fôram geraes. Silva Lisbôa os synthetiza na phrase—*bala pestifera do levante*.

Não deixemos de notar que uma Assembléa, que cogitava questões desta ordem no meio de tantas incertezas, no momento em que o povo desconfiava do Imperador, persuadido de que se cercava de soldados e officiaes lusitanos para destruir a obra da Independencia, sem duvida alguma provoca as iras do Imperador, quer elle tenha os planos, que se lhe attribuem, quer não pense nelles. Coincendencia singular: a questão da federação é discutida immediatamente depois do debate á respeito da admissão dos lusitanos no exercito. Que pensaria d. Pedro, confrontando essas duas circumstancias? Tiraria dellas motivos para formar o seu conceito contra, ou a favor da Constituinte? Supporia, sim, ou não, que semelhante Assembléa era para elle mais um embaraço, do que um auxiliar?

Silva Lisbôa, que foi professor de Theologia em Coimbra, notavel como jurisconsulto, auctor de diversas obras juridicas e economicas, é o illustre visconde de Cayrú, um dos nomes venerados da patriótica e benemerita geração da Independencia. Attribute-se-lhe a *inspiração* do decreto de 1808,

que d. João VI publicou, chegando á Bahia, decreto que abriu os portos do Brazil—até então vedados ao commercio de todas as nações, principalmente á Inglaterra como a mais amiga e que de prompto celebrou vantajosos tratados de commercio, etc.

Muitas razões concludentes provam que a resolução de franquear os portos é idéa ingleza, resultante não só de actos reteirados e conhecidos, como de seus interesses de povo industrial, commerciante e marítimo. O rei de Portugal, quando saíu do reino, invadido pelas cohortes do general Junot e *seguiu pelas aguas do Tejo, escoltado pela esquadra de s. magestade britannica, já trazia em buta no seu espirito tal idéa positiva e imperiosamente exigida pelo ministerio inglez.* (1).

E' sabido que o ministerio britânico rompeu com a *Santa Alliança* dos reis absolutos e tomou a peito sustentar a causa das colonias americanas (2). Não se ignoram os grandes serviços que fez ao reino luitano, durante as guerras e invasão de Bonaparte; é difficil crer que a Inglaterra fizesse tanto, em pró de d. João VI e do seu povo, *por méro amor platónico*.

Silva Lisbôa foi, todavia, redactor do referido decreto. A credulidade publica, a vaidade nacional,—nessa temporada,—brazileira e portugueza conjunctamente, emprestaram a idéa ao jurisconsulto e ao rei, reputando um feito glorioso por concorrer para o desenvolvimento da civilização e do progresso dos povos. Não podemos esmerilhar este assumpto, porque cumpre-nos acompanhar o orador na Constituinte de 1823 e não o jurisconsulto de 1808... O venerando ancião exercia na Assembléa certa auctoridade que naturalmente dá uma reputação laureada pela fama e confirmada por meritos incontestaveis. Quando elle falava, era escutado respeitosa e abuzava dessa attenção, ampliando sempre as suas dissertações. Notemos nesse discurso as rapidas transições do orador, que passa dos Estados Unidos da America do Norte para as confederações das colonias de Hespanha e da Terra do Fogo. Elle discursa sobre o principio federativo durante a grande Revolução Franceza, assim a respeito do furor dos partidos, dos ambiciosos, das falsas esperanças de fortuna, de liberdade e poder. Tratando da divisão, com o Rio da Prata pelo Estado Cisplatino, recitou versos do poema *Carapurú*, cujo auctor, diz o orador, é uma das honras da provincia de Minas:

«S. Vicente e S. Paulo os nomes deram
As extremas provincias que occupamos;
Bem que ao Rio da Prata se estenderão
As que com proprio marco assignalamos

« Para prova de que nossas eram
De marco o nome no lugar deixamos
Povoação que aos vindouros significa
Onde o termo e hespanhol e o luso ficam.»

Depois de uma dissertação sobre o Baixo imperio, o orador pronuncia immediatamente: «o grande mestre da politica, Aristoteles, comparando o democratismo com o despotismo, diz que são as corrupções do governo regular e que tem o radical vicio do costume semelhante: taes são o despotismo e o democratismo. Por isso, na grande lucta da liberdade dos povos contra o tyrannia militar da França, viu-se o odioso exemplo de confederar-se o governo de taes Estados com o corço, despota da Europa e da America, contra o governo da Grã-Bretanha, que sustentava a sua independencia e as liberdades dos estados cultos e até negou a Portugal e á Hespanha os seus alimentos sobejos que estes aliás reinos compraram a pezo de ouro para sua salvação contra o universal iuvador. Os Estados democraticos ainda que federados (pondera Silva Lisbôa) sempre fôram ephemerros, estaudo á mercê dos grandes potentados só fazem mesquinhos calculos de seguirem o partido dos mais. O orador pergunta que comparação ha entre os territorios que compunham a heptarchia de Inglaterra, como exemplo de reinos confederados, com as provincias do Brazil, que sempre estiveram unidas e continnam sob o governo dum só monarchia. Além disto, é constante que no tempo daquella heptarchia, só reinou a anarchia e a contínua guerra dos principes respectivos e povo gemia com escravidão pessoal, em modo que até se faziam carregações de escravatura dos naturaes do paiz, cujos mercados principaes eram Liverpool, Bristol, Londres, como mostrou com documentos antigos no parlamento Wilbrforce, quando tratou da abolição do sangue humano.»

Em certo momento, o jurisconsulto orador exclamou: «ouvi com assombro dizer que sendo o Brazil de imenso territorio e cada uma de suas provincias tendo a extensão de grandes reinos, decorridos annos estas se não de dividir em reinos separados: seja embóra assim: eu direi que será muito tarde, havendo bom governo conciliador. Lembra-me o dito do poeta Seneca sobre o descobrimento da America:

«Venient annis secula seris
Quibus oceanus vincula rerum
Laxet et ingens pateat tellus.»

Silva Lisbôa pensa e afirma que a união das provincias é obra feita; não precisa de federação. E como lhe perguntaram si já estavam unidas as

provincias do Maranhão e do Pará, respondeu «que com toda razão devemos presumir que a vontade dos habitantes das mesmas provincias será não menos conforme á honra brasileira e que desejarão fazer parte integrante do Imperio do Brazil, acclamando, como as outras, ao seu augusto Imperador, logo que se puderem libertar dos jugos dos lusitanos.»

O orador declara que muito teria ainda a dizer sobre varias coisas, porém descontinúa a falar, porque alguns dos srs. deputados, que apoiaram a emenda, ou fizeram uma especie de retractação explicativa ou se bateram em retirada.»

Eis ahi o perfil do sabio jurisconsulto visconde de Cayrú, sobresaíndo de suas proprias palavras, expressão fiel do seu eu. Parece que o homem era tal qual o manifesta o seu discurso. Elle foi jurista, advogado, professor de theologia em Coimbra, auctor de obras de direito e, finalmente, já ancião, membro da Constituinte e, por consequencia, orador politico. Elle dissertava á maneira dos jurisconsultos; não era um *debater* segundo o gosto e a indole ingleza. Nelle o legislador parlamentar vestia a toga doutoral do oraculo da *razão escripta*. Está bem patente que não é um orador de alta plana, por diversas razões; falta-lhe a principal condição — a mocidade — que é um poder; que sente — o *Deus in nobis agitante calicinus illo*. E', ao contrario, um velho, cujas energias de vontade e de pensamento exgotaram-se sobre os textos das Pandectas e da informe legislação e ordenações do reino. Naquelle cerebro não ha as irradiações dum idéal novo; tudo é reminiscencia do passado; tudo severo e fecundo ensino da experiencia. Chamado para collaborar na obra da organização do governo constitucional e representativo, em que predomina a soberania nacional, em que a liberdade civil e politica exige, por assim dizer, cultos e altares, Silva Lisbôa quasi exclamou, como o desterrado no Ponto Euxino: *Barbarus, hic, ego sum, quia non intelligo illos*. Em verdade, elle é como que um resuscitado, no meio duma geração nova, que não sente, não pensa nem fala á moda daquelles, com os quaes havia vivido a sua longa vida, venerando a realza, qual imagem de Deus na terra. Elle acreditava e repetia a respeito della a palavra divina *per me reges regnant*.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Pinheiro Chagas, *Hist. de Port*; Comte de Viel Castel, *Hist. de la Rest*; Napier, *Guer da Penins*; Dewergier de Hauranne, *Hist. du Gov. Parlam.*

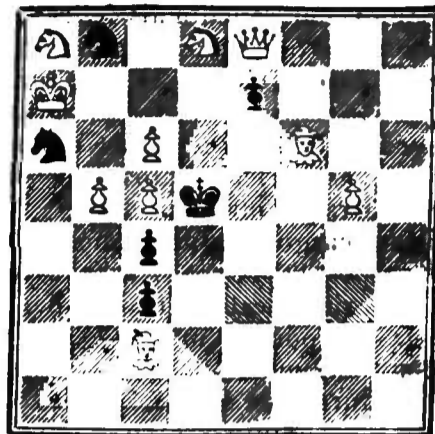
(2) Idem...

XADREZ

PROBLEMA N. 51

F. Mendes de Moraes Filho (Rio)

PRETAS (6)



BRANÇAS (10)

Mate em dois lances

PARTIDA N. 57 (a)

(Jogada no Club dos Diarios a 3 de maio de 1906)

PARTIDA VIKNNENSE

Branças (Teichmann)	Pretas (Alliados)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B D	— 2 — C 3 B D
P 4 B R	— 3 — P 3 D
C 3 B R	— 4 — B 2 R
B 4 B	— 5 — C 3 B R
P 3 D	— 6 — B 3 R
B 5 C D	— 7 — B 5 C R
P 3 T R	— 8 — B X C
D X B	— 9 — Roque
B X C	— 10 — P X B
P X P	— 11 — P X P
Roque	— 12 — C 1 R
B 3 R	— 13 — B 4 C
C 2 R	— 14 — P X B X
D X B	— 15 — P 3 C R
T 3 B	— 16 — D 2 D
T D 1 B R	— 17 — T 1 C D
P 3 C D	— 18 — P 3 T D
D 6 T	— 19 — P 3 B R
P 4 T R	— 20 — D 2 C R
D 3 R	— 21 — C 3 D ?
C 3 C R	— 22 — R 1 T
D 5 B	— 23 — T 3 C
D X P R	— 24 — C 4 B R !
C X C	— 25 — P X D
C X D	— 26 — T X T
T X T	— 27 — R X C
P 4 C R	— 28 — P 4 B D
R 2 B	— 29 — T 3 D
R 2 R	— 30 — P 4 T D
P 4 T D	— 31 — P 3 B D
R 2 D	— 32 — T 2 D
R 3 B	— 33 — T 5 D
P 5 C R	— 34 — abandonam (b)

(a) Esta partida foi jogada contra o dr. C. Leite, Henrique Costa e Annibal da Costa Pereira.

(b) Partida calma: dispensa commentarios. A situação final revela a habilidade estrategica de Teichmann. Não ha lance das Pretas nesta situação que não acarrete uma derrota immediata.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 50 (H. de Barros e Azevedo): D 1 R.

JOSÉ GETULIO.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

O estado-maior, a engenharia e o estado-maior de artilharia — Os coroneis e tenentes-coroneis — O que elles valem.

Somos um pouco mais felizes, sem contudo attingirmos ao gráu de perfeição desejavel, em se tratando de acção directora dos chefes militares nas commissões technicas e nos diversos estabelecimentos da nossa administração militar.

Esses cargos competem aos officiaes dos corpos especiaes — estado-maior, engenharia e estado-maior de artilharia — e por serem elles gente mais preparada, mais obrigada ao estudo pela natureza de suas funcções, a sua acção, em muitos casos, é satisfactoria.

Não exclúe essa circumstancia o facto de se apresentar insufficiente em grande numero, a maioria talvez, que nada vale e cuja sapiencia e instrucção muito ou tudo deixam a desejar para melhor.

Dos tres agrupamentos ali citados — o que mais se salienta, ou, melhor, o que maior numero de inutilidades oferece é o da artilharia. O seu pessoal é mais apurado na ignorancia de seus mistéres, o que se deve attribuir, em parte notavel, aos grandes estadios que muitos delles passam pelos regimentos e batalhões da sua arma, perdendo o habito e os incentivos para o estudo e desaprendendo o pouco que sabiam ou o que não sabiam; e assim, quando pelos azares da sorte lhes tóca a direcção de um estabelecimento ou commissão technica, a sua actividade limita-se ao trabalho puramente administrativo, do papelorio — nada se aperfeiçoando, melhorando ou adeantando em relação ao modo de conduzir os serviços e a sua producção.

Por isso, geralmente, vemos os nossos arsenaes e outras fabricas transformarem-se em centros improductivos, onerosos, apesar da manutenção de um pessoal extraordinariamente numeroso, e carissimo á vista dos insignificantes resultados que apresenta.

E' verdade que os poderes publicos nem sempre olham para esses estabelecimentos com a attenção desejavel, mas é egualmente certo que, outros fôssem os seus administradores, mais capazes, mais activos, do pouco e imperfeito que possuímos a tal respeito, muito maior rendimento se alcançaria; além de que, si houvesse constante reclamações dos chefes, maior pertinacia na proposta de modificações e aquisição de elementos novos, talvez alguma coisa mais conseguissem.

Quem se dér ao trabalho de percorrer, em analyse muito summaria e rapida, o quadro dos officiaes superiores

da artilharia, para principiari por esta, concordará plenamente comnosco sobre a figuração de muitas inutilidades que melhor se collocariam no quadro dos reformados.

E dizemos assim porque ha ahi um grande numero que nada mais ambiciona — por já ter subido demasiado tendo em attenção a sua pouca competencia — e que agora só nutrem o desejo de ficar em paz, esquecidos, em algum batalhão ou regimento desarmado ou no aconchego salvador e extremamente pacato da Direcção Geral de Artilharia — refugio de toda a gente pouco prestavel e dada ao descanço.

Mas não desviemos o assumpto, e passemos a examinar o quadro de coroneis — estado-maior e arregimentados.

Constitúe-se elle de 17 coroneis, dos quaes 14 fazem parte do quadro ordinario e 2 do extraordinario.

Desses tres não sabemos bem para o que melhor se prestam, si para a vida arregimentada si para chefes de commissão.

Um é congressista antigo; já, de ha muito, si é que os possuia, perdeu por completo os habitos e conhecimentos da sua profissão, não sendo provavel que, si algum dia, por qualquer reviravolta politica, regressar á sua vida primitiva, possa dar coisa prestavel. O outro é lente vitalicio: está egualmente perdido para a militança. Na paz do seu lar, estará sempre garantido e com vencimentos bem alargados, de modo a nada mais ambicionar. Além disso — o que é louvavel — dedica-se muito ao assumpto da sua cadeira, sendo natural que a arte da guerra tenha ficado de parte, em esquecimento.

O terceiro tambem é lente em disponibilidade — o que lhe traz a vantagem de comer por dois carrinhos em um só emprego. E' bom chefe, como se costuma dizer, isto é, não faz mal a ninguem, muito bom pae de familia, tem medo de falar e, quando o faz, pouco dá a entender, e assim viverá por muitos annos ainda.

Dos do quadro, não se fazendo uma apuração muito severa, tiram-se seis em boas condições de uma refórma voluntaria, sem que, com a sua ausencia, haja grande desgraça. Ha notadamente um, do estado-maior — benza-o Deus! — que é uma completa inutilidade, desde o seu physico, pouco aparatoso e esthetico, até o intellecto, muito mediamente esclarecido.

Dos 17 coroneis existentes, não falando de dois, dos quaes não conhecemos as qualidades, seis apenas teem valor; dois dão excellentes commandantes, principalmente um, cujo interesse no serviço, gosto e grande applicação ao estudo, o tornam bem me-

recedor do posto que occupa. Os outros quatro dão bons directores de estabelecimentos tecnico-fabris, porque tambem estudam, acompanham com interesse as transformações e aperfeiçoamentos da industria militar — estando sempre ao par do que é novo e bom.

Os tenentes-coroneis são em numero de 17, pertencendo apenas um ao quadro extraordinario.

A um rapido exame, apanham-se sem grande difficuldade seis mediores em extremo: não servem para commandar, nem para dirigir fabricas nem para coisa alguma. Ha, até, nesse numero, uns completamente invalidos e que só por uma mal entendida condescendencia se conservam na activa, e outros que primam pelo desleixo dos uniformes, timbrando em andar sujos.

Um delles, especialmente, é de uma incapacidade á prova de fogo: desconhece as mais comensinhas noções de sua profissão. Ainda ha tempos, quando major, vimol-o inteiramente atrapalhado com uma consulta impertinente que havia recebido de um amigo seu, a respeito de um parecer, ou coisa semelhante, que tinha a dar sobre os effeitos de uma espingarda de caça. Como não tivesse elle a minima noção do que era o tiro de uma arma de fogo, do seu mechanismo, nem dos seus effeitos conhecidos, teve de recorrer, sem grande acanhamento, a collegas seus de arma, mais espertos, para lhe lavrarem o tal parecer de accordo com os quesitos impostos pelo amigo, e só assim pôde attendel-o. Pouco tempo depois, foi promovido a tenente-coronel... e por merecimento.

Dos demais, são para nós desconhecidos quatro e sete podemos apontar como aproveitaveis, sendo alguns bons commandantes.

Em tempo, iniciaremos a analyse pelo estado-maior.

TENENTE MAX.

RECEBEMOS:

Por intermedio do sr. alferes Mario Barretto, recebemos do professor cearense Odorico Castello Branco quatro volumes de uma série de trabalhos destinados á educação da mocidade ou á regeneração do ensino da arithmetica, conforme a respeitavel opinião do velho mestre cearense José de Barcellos.

Esses livros formam um curso progressivo, sendo o primeiro um compendio de Arithmetica Inicial; o segundo, de Arithmetica Primaria, e os dois ultimos — Licções de Arithmetica, todos muito recommendarios pelos apuros da exposição e precisão do methodo empregado.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.